Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2534unse

ANO XXV—Brasil— E. S. Paulo—Matão, Abril e Maio de 1949 — N. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Problemas Humanos e a Instrução Espiritual . . . . . *Redação*
Uranografia (Indiscrições ?...) . . . *Arnaldo S. Thiago*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Francisco Klörs Werneck*
Egressos de Capela . . . . . *J. B. Chagas*
Casamento entre Espíritas . . . . *Leopoldo Machado*
Respigas e Comentários . . . . . *M. Quintão*
Promiscuidade não é Fraternidade *Pereira Guedes*
O demorado beijo de uma bôca gelada *Spártaco Banal*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Visitando os Confrades de Buenos Aires . . . . . *Walter Radamés Accorsi*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, Abril e Maio de 1949 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Os Problemas Humanos e a Instrução Espiritual

AS nações empenham-se a fundo no sentido de resolverem os magnos problemas internacionais, mas em vez de os resolverem criam outros tantos problemas ainda mais complicados e perigosos, porque cada nação ou grupo de nações procura defender os seus próprios interêsses, em detrimento dos interêsses das outras nações. E enquanto prevalecer êste espírito rotineiro, de disputas oriundas de recalcadas ambições, as nações jamais se entenderão e o espetro da guerra será sempre uma ameaça ao sossêgo e ao bem estar dos povos.

Os governos são o reflexo do estado moral, intelectual e espiritual de um povo, visto que os governadores saem do meio dêsse povo. De um povo inculto ou mesmo de um povo culto, porém materializado e «metalizado», só podem saír diplomatas e governadores materialistas, que não aceitando a existência e sobrevivência do espírito, olham sómente para baixo, para as cousas terrenas, o que os instiga a se preocuparem unicamente com a defesa dos seus interêsses terrenos. E quando defendemos uma cousa terrena, que julgamos ser nossa, o fazemos sempre em detrimento do espírito de equidade, visto que, nêste mundo, nada é nosso.

Eis o motivo por que as sociedades de nações, criadas para solucionarem pacificamente os problemas internacionais, nunca chegam a um entendimento completo, precisamente porque estão agarradas, de unhas e dentes, aos seus interêsses materiais, terrenos, temporais.

E enquanto isso acontece, as revoluções tomam vulto no seio de cada nação, numa sanguinolenta luta fratricida que atesta o atraso moral de governos e governados, ambos movidos pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas paixões e ambições.

Quando terá um paradeiro essa situação aflitiva por que passa a humanidade? E' a pergunta que assalta o cérebro daqueles que, munidos de boas intenções, e são poucos, fazem com gestos de incredulidade ante a confusão, o desmando, a falta de respeito mútuo, a ambição desmedida, as baixas paixões, a defraudação e a hipocrisia que lavram em todos os setores da atividade humana.

Afinal, que fizeram as religiões no sentido de moralizar os povos? Nada. E se algum benefício julgam ter feito a favor dos seus milhões de adeptos esfarrapados, famintos, miseráveis de corpo e alma, êsse benefício tem o mesmo valor de um copo dágua lançado no oceano. Os seus

adeptos embrenham-se cada vez mais no matagal do materialismo, desamando cada vez mais o seu próximo, porque, a-pesar de se afirmarem «religiosos», nada sabem de religião, visto que religião é um dever sagrado que se resume na prática do amor fraterno e na fé, fé que é luz, luz que é feita dos conhecimentos relativos à imortalidade da alma e à vida espiritual. E' esta a fé que transpõe montanhas e transplanta sicômoros, porque dá ao indivíduo a coragem necessária para suportar e vencer todos os sofrimentos ou provações, na certeza de ser plenamente feliz na vida futura.

A atual situação precária da humanidade não póde permanecer sem uma solução, é preciso dar-lhe um remédio que debele o mal, já que o diagnóstico foi acertado: falta de moral, de caracter e de respeito mútuo. E o remédio é — *instrução espiritual.*

Estamos plenamente convencidos, pelos factos, que não basta aos diplomatas e governadores os pergaminhos conferidos pelas escolas superiores e academias para estarem aptos a resolver os problemas humanos e as questões internacionais, porque se tais títulos bastassem para tão alta tarefa, a humanidade ha muito tempo estaria usufruindo as delícias de um paraíso em vez de estar, como estamos vendo, à beira de um abismo. E' indispensável que tenham a instrução espiritual, porque só assim poderão agir acertadamente, visto que sua visão se dilatará com o saber que a vida continua após a morte do corpo físico, que não começa no berço e termina no túmulo e que, nêste caso, é estultícia disputar as cousas terrenas, temporais, que tão depressa nos vêm como desaparece das mãos.

Mas a instrução espiritual não deve ser ministrada apenas a diplomatas e governadores, que dela necessitam em primeiro lugar em virtude dos seus altos encargos, mas a todos sem distinção, porque cada indivíduo tem os seus próprios problemas a resolver no sentido da vida espiritual. De outra maneira, os demais problemas, de ordem material e moral, jamais serão destrinçados. Seria o mesmo que se predenter construír um edifício sem os respectivos alicerces.

Instruido espiritualmente, cada indivíduo ficará cônscio das suas responsabilidades e dos seus deveres, visto como agirá de modo a não sofrer o peso da lei de Deus ao ingressar no mundo espiritual. Os bens e as questões terrenas terão, para êle, valor muito restrito em face da continuidade da vida depois da chamada da morte. Em cada semelhante verá um irmão buscando, como êle, a perfeição espiritual, que é o alvo da vida.

Resolvidos os problemas individuais no sentido espiritual, estarão automaticamente resolvidos os problemas internacionais humanos.

Entretanto, a instrução espiritual não póde ser ministrada pelas chamadas religiões oficiais e filosofias humanas, porque todas elas faliram logo de início. Estão de bancarrota e jamais se rehabilitarão no conceito geral, ainda que tentem reformar os seus estatutos, os seus ritos e cultos externos e apresentar novos artigos de fé. Esta tarefa foi confiada ao Espiritismo, que não é doutrina humana, mas o executor das leis de Deus, como revivificador do véro Cristianismo, que tem por base o amor fraterno e a imortalidade da alma.

Orai com as vossas boas obras e vigiai com os olhos da humildade e da prudência, porque os escorpiões das trevas vos assediam com o fim de causar divisão e desordem. Que o vosso trabalho seja para engrandecer a doutrina, se realmente desejais fazer jús ao salário divino, cujo pagamento não é feito nem com o ouro e nem com a prata, mas com as graças de Deus.—CAIRBAR.

URANOGRAFIA

Uma das afirmativas mais vulgares, que é feita constantemente em desabono do Espiritismo, consiste em que «os espíritos («uns pobres de espírito», como os trata Richet: *Traité de Métapsychique*, pag. 34), nada nos tem dito de novo e, por eles, esclarecimento algum tem sido trazido aos conhecimentos humanos.

Não é procedente a proposição; o que é verdade é que, à falta de provas científicas, em geral, não se tomam em consideração certas informações que nos trazem, por vezes, espíritos de boa vontade, a respeito de assuntos que, na verdade, só podem ser tratados sob a égide da fé cimentada pelo raciocínio filosófico.

Allan Kardec, em Uranografia Geral, cap. VI da «A Gênese», pags. 123 a 125, refere-se a uma interessante comunicação de Galileu sôbre a constituição física da Lua, na qual é admitida a hipótese da habitabilidade do satélite da Terra, no hemisfério para nós eternamente invisível.

Com êste meu espírito de jornalista, desembaraçado de certos preconceitos e de bem descabida timidez, fiz chegar às mãos do Dr. Van Biesbroeck, astrônomo belga, ao serviço dos Estados Unidos, uma desenvolvida comunicação, em forma de consulta, referentemente ao problema focalizado pelo Codificador em seu livro supra citado.

Que o documento chegou às mãos do sábio belga, a quem tive a honra de conhecer, pessoalmente, por ocasião do eclipse total do sol, observado em 20 de Maio de 47, em Bocaiuva, Minas, afirma-o a seguinte carta recebida, em resposta, do Snr. Randolph A. Kidder, segundo Secretário da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil:

«The foreing service of the UNITED STATES OF AMERICA» — AMERICAN EMBASSY — Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1947.

Prezado Senhor: Tenho o prazer de acusar o recebimento da carta de Vossa Senhoria, datada de 27 de Maio último, juntamente com um documento endereçado ao Dr. Georges Van Biesbroeck, vindo, recentemente, ao Brasil com a expedição da Sociedade Nacional de Geografia, afim de observar o eclipse solar, em Bocaiuva. O referido documento foi enviado ao Secretário da Sociedade Nacional de Geografia, que ainda se encontra nesta capital, afim de fazer chegar ás mãos do Dr. Van Biesbroeck. Com os meus cordiais cumprimentos subscrevo-me, etc.

Mas, a Lua ainda não pôde ser vista, em seu hemisfério opôsto ao nosso planeta, por cientista algum e os «privolves», se de facto existem, ainda não puderam comunicar-se conosco... dirão os homens de ciência: logo, o assunto nem merece a mínima consideração. A carta, portanto, ficou sem resposta. Entretanto, o assunto, com o ser de indagação filosófica, é tão positivo como o da verificação dos sistemas planetários inter-atômicos. A diferença é que, nêste caso, pôde ser visto o terrível efeito da bomba atômica...

Decididamente, a fria ciência está necessitando o aquecimento de um pouco mais de elevado e santo idealismo!

Dias há, tivemos em nosso resumido grupo «Bezerra de Menezes» oportunidade de ouvir o cantor dos Escravos, em uma transcendente e admirável exposição a respeito do pequenino mundo em que presentemente se acha incarnado o nosso grande Castro Alves. Que nos disse êle? Começou fazendo uma interessante digressão sôbre a imanente condicionalidade em que nos encontramos, na Terra, de ter de suportar uma compressão constante que nos vem do mundo exterior, tendente a suprimir tudo que é em nós de ordem espiritual, habituando-nos, assim, a uma existência quasi que exclusivamente de índole material! Entretanto, acrescentou, refulge no íntimo de cada um de nós, como no âmago da semente, êsse «quid» divino que se conserva latente enquanto lhe não damos terreno apropriado para germinar e desenvolver as energias formidáveis que lhe dormitam na íntima estrutura vegetal. Somos, destarte, como a semente, uns «cascas grossas» — e permaneceremos sem vida espiritual, rolando ao sabor dos ventos e das correntezas do mundo, sob a pressão das fôrças que dirigem ainda a pobre humanidade terrena, se não fizermos constantes e enormes esforços por desenvolver as energias espirituais que dormitam no íntimo de nosso sêr.

INDISCRIÇÕES?...

Como vós, sofrí essa tremenda pressão sob cujos efeitos viveis hoje à superficie do planeta. Toldaram-me o espírito tremendas decepções e inundaram-me os olhos torrentes de lágrimas derramadas sôbre as desilusões sofridas no mundo em que viveis.

Venho, por isso, alentar-vos, mostrando-vos as perspectivas risonhas de outras casas do nosso Pai, dispersas na amplidão infinita dos espaços. Quero, porém, falar-vos do que posso ver e sentir. Habito, por divina graça, um dêsses minúsculos planetoides que, em aluvião, turbilhonam entre os gigantes do vosso sistema planetário. Nesse pequenino orbe, entretanto, não nos revestimos dos pesados e grosseiros mantos de carne, sujeitos à putrefação como em vosso mundo: nossos envoltórios materiais são diáfanos e sutís, desfazendo-se como a neblina quando chega o têrmo de nossa vida material, deixando-nos apenas um outro e mais leve envoltório com que pairamos na atmosfera do planetoide, até que uma nova existência material nos seja determinada, durante a qual quasi nada perdemos da nossa inteira liberdade e possibilidade de ação espiritual.

Alfombras de verdura suave recobrem a superficie do pequenino astro, entremeadas de flôres policrômicas e perfumosas. Mansos passaros volitam e cantam nas verdes ramagens. Os rios, proporcionados à exiguidade do solo, deslisam, coleantes e mansos por entre o relvado sempre humedecido e luxuriante; êles se desdobram naturalmente em milhares de filetes que distribuem por todo o solo a humidade, sem que seja necessário aos seus habitantes o trabalho de rasgar canais de irrigação do sólo, como acontece na Terra. Magnificas criações ornamentais, colunatas e arcos, formados pela vegetação, prescindem, alí, da arte dos seus habitantes, porquanto isso tudo se realiza graças à ação das proprias fôrças naturais, como aqui as corolas procuram erguer-se sempre para o alto.

Longe de procurarmos amesquinhar as paisagens da divina arte, os belíssimos quadros da Natureza, cheios de movimento e de vida, reduzindo-os à expressão monótona da nossa arte pictural, aprendemos a viver nesses quadros e nessas paisagens e a compreender-lhes o pensamento orientador, em atitudes de glorificação a nosso Pai — supremo artista de todas as belezas do Universo. Não nos envaidecemos de uma arte pessoal, fruto do orgulho e das vaidades humanas, como o faziamos na Terra: enlevamo-nos, aprendendo e edificando-nos, na contemplação das maravilhas do Universo.

Em vez de modular cantos, para satisfação de orgulho pessoal e de tôlas vaidades, comprazemo-nos em ouvir as melodias celestes, educando-nos, aprimorando os nossos sentimentos para compreensão cada vez mais perfeita de Deus!

O nosso trabalho consiste em consolar as aflições que nos chegam da Terra e de outros orbes idênticos e alentar nas almas já esclarecidas, mas ainda soterradas sob o pó da terra, os nobres e elevados sentimentos de emancipação espiritual que nessas almas vicejam! Não agimos desconcertada, nem arbitrariamente, mas sob a inspiração de Jesús, Mestre e Senhor de todos nós e quando, por vezes, junto ao leito de sofrimento de uma criatura alimentada pela fé em seus nobres princípios moraes, repousa, como provindo do céu, um anjo, para acalentar-lhe o coração, suavizando-lhe as agruras da vida, não raro é um de nós que vem, a mando do Divino Mestre, para realizar essa obra de caridade e de amor. Assim, não é a nossa vontade que procuramos fazer, mas a do Mestre que vive em nós.

Recebei, terminou o sublime cantor, as minhas palavras, cada um de vós como as puderdes interpretar: se aqui estou, obedecendo à ordem do Enviado Celeste, é para trazer confôrto a alguém que o mereceu e que foi, por isso, ouvido pelo divino Pastor. «Não temos nomes, disse por fim, o suave mensageiro: cada um de nós se caracteriza pelas suas qualidades intrínsecas — e isso nos basta. Mas, para que possa corresponder ao vosso modo de ser terreno, deixo-vos a minha identificação: sou o cantor dos Escravos.»

Eis, portanto, a verdade: os espìritos nos revelam as magnificências das inumeras moradas da casa de nosso Pai; está em nós darmos-lhes crédito ou não.

Uma cousa releva notar nesta mensagem: é que se deduz, dos seus têrmos, que Jesus não é governador sómente da terra, mas de todo o sistema solar.

Arnaldo S. Thiago.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XVIII

Cura da Condessa von Maldeghem por meio da Vidente

Como nêste volume só narramos factos, vamos contar o seguinte:

No dia 28 de Março de 1828, o Conde von Maldeghem me procurou com uma carta de seu médico, o Dr. Endres, de Ulm. A missiva me dizia quem era o seu portador e que o Conde, tendo ouvido falar sôbre a Vidente, desejava consultá-la a respeito de sua mulher. Êle fez da doença a seguinte descrição:

Pouco tempo antes do nascimento da Condessa, o pai dela fôra morto, diante do seu castelo, por um destacamento de soldados austriacos. Tal desgraça devia motivar o aborto da mulher dêle, mas, ao contrário, a gestação atingiu o tempo normal e o parto foi feliz. Entretanto, a criança, que era a doente em questão, lembrava exatamente todos os traços de seu pai e, por muito tempo, ficou magra como um esqueleto. Tal coisa desapareceu com o tempo e o único traço que perdurou, como consequência de tal acidente, foi um temperamento nervoso, de extrema excitabilidade. A moça foi educada em um convento e se casou, aos vinte e três anos, com o Conde von Maldaghem, tratando-se de uma pessoa de espírito culto e de um caracter amoroso e religioso. Sua doença começou na época de sua segunda gestação e se caracterizou por uma espécie de estado sonambúlico no qual ela vive e durante o qual é possuida por três idéias fixas que se sucedem, a saber: 1) Ela duvida da identidade de seu marido e seus filhos; 2) espera, ou antes, deseja vivamente a modificação do seu estado; 3) aguarda qualquer fenômeno sobrenatural que produza tal mudança. Tais são as idéias principais que a obsedam de modo constante, mas com muitas variações.

Aconteceu que, quando tinha seis anos, esquecida pelos seus vigias, dormiu, parte do dia, num campo de dormideiras. Quando finalmente acordou, percebeu-se que sua memória ficára afetada a tal ponto que não reconhecia nem as suas irmãs, nem os seus familiares, e que durante muito tempo, não estava mais certa da realidade das pessoas e das coisas que antes conhecia bem. Tais fenômenos desapareceram em grande parte, mas uma temporada que ela passou no convento teve o efeito de fazer renascê-los e observou-se então que tinha dificuldade em distinguir seus sonhos das realidades do estado de vigilia. Depois de suas núpcias com o Conde, aconteceu-lhe ter muitas vezes dúvidas sôbre a sua identidade, embora diante de todos se esforçasse ela por ocultar tais impressões. Enfim, a 31 de Outubro de 1827, depois de um parto, caíu numa espécie de vida sonambúlica que os médicos atribuiram primeiro a uma inflamação do cérebro e que acabaram por classificar de loucura, sendo sua idéia principal, em tal estado, que estava morta e condenada irrevogavelmente a errar através de sombras enfileiradas, de cavernas subterrâneas de onde partiam todas as espécies de súplicas. As pessoas que lhe eram mais caras tomavam, a seus olhos, formas de animais, tais como urso, cão, etc. e não se podia fazê-la admitir que o lugar de sua residência, de que ela gostava tanto, era real, pois achava que era um desenho, uma imagem. Ela, que era na verdade tão estimada, se julgava vítima do ódio de todos e, com tal convicção, fugia de suas presenças.

Após ter empregado, sem sucesso, numerosos remédios, o Conde enviou sua infeliz esposa para a Alemanha, onde ainda transformou tudo o que a cercava em instrumentos de tortura. Deve-se notar que, desde o começo de sua enfermidade, a Condessa não cessava de declarar que sua cura não viria das mãos dos médicos, mas sómente de seu marido. Foi, naquela ocasião, que êle veiu me procurar.

Eu lhe declarei sem hesitar que, nos casos ordinários, não tinha nenhuma confiança nas prescrições das sonâmbulas, mas

que, no caso da Condessa, que bem me parecia não pertencer em nada à loucura, porém se aproximar antes do sôno sonambúlico, valia a pena tentar a experiência.

A Sra. Hauffe, sendo consultada, tomou o mais vivo interêsse pelo caso; ela disse que o número 3 era o da Condessa e que o seu tratamento devia ser dirigido pelo mesmo. Três vezes ao dia, durante nove dias, devia levar um amuleto composto de três folhas de louro, mas que lhe não dissesse a natureza dêle. O Conde devia também magnetizá-la três vezes ao dia, numa direção determinada e, durante êsse tempo, devia ela levar a vida mais simples, sem tomar drogas, nem alimentos excitantes. Três vezes ao dia devia tomar uma colher de suco de erva de São João, dissolvido em água. Acrescentou a Sra. Hauffe que ela devia se deitar e dormir cada manhã ás nove horas e que, se naquela hora estivesse ela mesma adormecida, ninguém lhe falasse, porque estaria então orando pela Condessa.

No dia 31 o Conde voltou a Ulm e começou o tratamento de sua mulher, em tal sentido, desde 3 de Abril, pela manhã. Naquela mesma manhã, à mesma hora, a Sra. Hauffe, contra o seu hábito, adormeceu e ficou silenciosa, com as mãos cruzadas como quem reza. A partir de tal ocasião, teve consciência de estar em relação com a Condessa e tal convicção foi aumentando cada vez até quarta-feira, dia 9, em que, ás dez horas da noite, exclamou: «Confiai a Deus os vossos cuidados, porque Êle se encarregará de velar sôbre vós». Acrescentou que tivera uma visão pela qual soubera que se operára uma mudança na Condessa. No dia 14 recebi do Conde a seguinte carta:

Ulm, 11 de abril de 1828

«Rogo-lhe escrever-me logo que possivel e me dizer se no dia 9, às seis horas da tarde, V. S. notou alguma coisa de especial na Sra. Hauffe e o que aconteceu, aí, com relação à minha esposa. Não é sem motivo que eu lhe pergunto isso e, com o Dr. Endres, espero anciosamente sua resposta.»

a) Conde Von Maldeghem.

A única resposta que eu podia dar ao conde era a de narrar o que havia anotado no meu boletim, como contei acima. Além de mim, duas testemunhas atestaram a exatidão dele. No dia 18, pela manhã, disse-nos a vidente que ela sentia que a condessa iria chegar naquele dia mesmo, o que se deu, pois o conde e a condessa chegaram pela tarde. O conde narrou que, durante seis dias, seguira as instruções da Sra. Hauffe, sem ver produzir-se qualquer efeito, mas que, quarta-feira, dia 9, pelas seis horas da tarde, a condessa lhe pediu para deixar a companhia de quem se achava e lhe dissera que, no momento mesmo em que soaram as seis horas, se sentira em estreita relação com a Sra. Hauffe e experimentára a necessidade invencìvel de comunicar a seu marido certa coisa que jamais dissera a qualquer ser humano. Após tal revelação, desapareceram as alucinações que lhe causaram tanto transtorno. Ela reconheceu seu marido e seus filhos, cercertificou-se do seu estado e experimentou o mais vivo desejo de ver a Sra. Hauffe, de quem o conde lhe falára. O médico do conde me escreveu: «...que a doença parecia ter desaparecido como por magia e que tudo o que restava nela era um escrúpulo religioso, que a levava a crer que não tinha uma fé suficiente nos santos mistérios da religião.»

A condessa falou de sua existência anterior como de um labirinto em o qual havia penetrado, lembrando-se, frequentemente, dos sonhos cheios de ansiedade que a perturbaram e que se sentia agora completamente desperta. Acrescentava, todavia, de um tempo a outro: «Não estou bem certa ainda de que êste é o meu Carlos e só me sinto inteiramente segura disto quando toco o seu braço e apalpo a cicatriz que nêle existe». O Conde tinha em um dos braços uma cicatriz produzida por um golpe de sabre. Muitas vezes também lhe parecia ouvir vozes que zombavam dela e, conquanto fôsse muito piedosa, não podia orar e nem entrar numa igreja. A Sra. Hauffe, que a Condessa vinha ver frequentemente em seu estado de sonambulismo, fazia todos os esforços para minorar os seus sofrimentos e fortalecer a sua fé. Ela lhe dizia: «Quereis orar junto comigo? Ficai certa de que não direi uma palavra que possa ferir a vossa fé». A Sra. Hauffe era luterana convicta e a Condessa católica. A Condessa lhe perguntára como chegaria a se libertar de seus penosos pensamentos e a Sra. Hauffe

lhe respondera: «Não podeis repelí-los, mas os vereis sob um aspecto diferente». Durante sete dias, ás sete horas da noite, a Sra. Hauffe orou com a Condessa e o espírito desta ficou mais calmo. Enfim, na manhã do dia 28, ela despertou a sua família e se declarou completamente curada. Esta brusca declaração me inquietou e eu não pude deixar de duvidar da realidade do facto. Ela me garantiu que nada tinha a temer e isto se confirmou, porque dez anos decorreram e não teve ela nenhuma recaída. (Em 1845 a Condessa ainda estava viva).

O leitor reconhecerá aquí o poder da comunhão espiritual, da prece e da fé cega.

«Encontrar-se-á dificilmente, diz Eschemayer, nos anais do Magnetismo, um caso no qual os fenômenos se produzissem tão claramente e em que se mostrou a nossos olhos um poder tão extraordinariamente magnético, que poderiamos dizer religiosamente mágico. Ouvi a narração da própria boca da Condessa e afirmo estar ela absolutamente convencida de ter sido curada pela Vidente. Êste caso nos fornece, no domínio das simpatias espirituais, certa luz que dissipa, como bolhas de sabão, todas as objeções extraídas das leis da natureza. Meu amigo Kerner convida os homens a reconhecer o poder da fé e da prece, mas, aí deles, não querem saber de tal coisa. Pensam que descobrirão as leis do universo só com a fôrça de suas inteligências tão lisongeadas e não encontram mais que uma concha vasia».

EGRESSOS DE CAPELA

Ha na obra «A Caminho da Luz», ditada por Emmanuel ao médium Francisco Candido Xavier, uma referência especial aos egressos de Capela, e degredados na Terra, dos quais, diz esse iluminado espírito, os egípcios foram os que mais se destacaram em aqui chegando, na prática do Bem e no culto da verdade.

Povo lançado à Terra por ação de saneamento geral, num momento de transição como o que nos aguarda, e para o qual caminhamos a passos largos, teve pressa em volver ao seu verdadeiro planeta, abreviando assim, a sua estada neste «vale de lagrimas», e deixando após a sua passagem um forte traço da sabedoria em tudo o que edificaram, cuja obra máxima — as pyramides, construidas sob bases puramente científicas, atestam flagrantemente.

«Os egípcios — diz-nos Emmanuel — traziam comsigo uma ciência que a evolução da época não comportava».

E' uma prova da sabedoria daquele povo, o segredo do embalsamamento dos cadáveres, que a ciência contemporânea ainda não conseguiu penetrar, embora os seus constantes esforços e que continúa a zombar dos mais doutos pesquisadores, os quaes sempre que a isso se abalam sofrem verdadeiras decepções.

E' bem conhecido, e citou-o Emmanuel na obra referida, o facto, devéras lamantável, occorrido com o explorador inglez Lord Carnavon e alguns companheiros, ao penetrarem o tùmulo de Tout-Ank-Amon, santificado pelos egípcios por saturações magnéticas, facto que, aliás, ainda hoje tambem desafia a argúcia dos estudiosos.

Mas, os egípcios, afamados por sua sabedoria, aceitavam a doutrina da metempsícose, admitindo que a alma humana, saindo de um cadáver em decomposição, ia para o corpo de um animal, por castigo, daí as excessivas precauções que tomavam para conservação dos cadáveres dos parentes, amigos e personalidades de importância, por meio dos embalsamentos, afim de retardar o mais possivel o momento da decomposição, quando, então, segundo a sua crença, a alma teria de encarnar no corpo de um animal, para continuar as suas migrações . . .

Ao contrario, os romanos queimavam os cadaveres, para que a alma recuperando a sua liberdade, voltasse imediatamente à natureza.

O mais antigo e o mais extraordinário dos filósofos da antiga Grecia, Pytagoras, aprendeu em suas viagens pelo Egito o dogma da metempsicose, levou-o

para a sua escola, e toda a filosofia grega formada ao molde do sábio de Cretona professou como êle que a alma dos maus passava para o corpo dos animais. Daí a abstinência de carne que Pytagoras prescrevia a seus discípulos, preceito que também aprendera no Egito, onde o respeito aos animais era devido à presunção geral de que os corpos dos animais eram ocupados por almas humanas, e que, por conseguinte, quem maltratava os animais, expunha-se a maltratar os seus próprios avós...

O filósofo Empedocles adotou o sistema de Pytagoras. Em dois versos citados por Clemente de Alexandria, diz-nos: «E eu também já fui menina, árvore, passáro, peixe mudo no fundo do mar».

Também Platão, ilustre filósofo grego, em meio de suas concepções sublimes sôbre a alma e sôbre a imortalidade, dava grande importância as idéias de Pytagoras. Admitia que a alma humana passasse para alguns animais, para expiar seus crimes. Platão dizia que nós nos lembramos na terra do que fizemos em nossas existências anteriores e que aprender, é recordar-se.

Lê-se em *Timée* (Diálogo de Phedra) sôbre o mesmo assunto:

«Os covardes são transformados em mulheres; os levianos e vãos em passaros; os ignorantes em animais selvagens, tanto mais rasteiros e curvados para o chão quanto mais degradante foi a preguiça deles; as almas nodoadas e corrompidas vão animar peixes e reptis aquaticos».

Lê-se ainda em Phedon (Obras de Platão, tradução de Cousin):

«Os que se entregaram à intemperança, aos excessos do amor e da boa mesa, e que não guardaram continência alguma, vão provavelmente para o corpo de animais semelhantes. E os que só amaram a injustiça, a tirania e a rapina, vão animar os corpos dos lobos, giriões e falcões. O destino das outras almas é relativo à vida que passaram».

A metempsicose ocupou, porém, menos importância na doutrina de Platão do que ocupava na de Pytagoras.

A prevalecer a crença dos egipcios, teriamos que admitir a retrogradação do espírito, ou a sua involução, quando a lei é sempre para a frente e sempre para o alto, muito embora o espírito, na sua escalada para a perfeição, tenha períodos de estacionamentos, mais ou menos longos, conforme a sua persistência na prática do bem ou do mal.

Só o Espiritismo de ha oitenta anos para cá veio demonstrar, cientificamente, pela sublime doutrina das reincarnações sucessivas, sempre progressivas, que é a real e a mais consoladora, a imortalidade da alma.

Não ha, portanto, nem retrocesso, nem estacionamento definitivo. Ha progresso, embora com ligeiros colapsos.

A doutrina das reincarnações, sempre no sentido ascendente é, pois, mais confortadora do que a ensinada pelas demais crenças e a que demonstra de modo exuberante a grande misericórdia do Pai, que não quer a morte do pecador, condenando-o à eterna proscrição, mas quer que êle se regenere e viva!

J. B. CHAGAS.

N. do A. — O trabalho acima já fôra publicado no jornal Mundo Espírita, de 3 de Outubro de 1939, há quasi dez anos, portanto. Como poderão os leitores verificar no trabalho em causa, cito alí a referência feita por Emmanuel à origem dos espìritos encarnados na Terra, os quais, segundo a sua opinião, foram ha milênios expulsos de Capela, em virtude de uma ação regeneradora daquele planeta. E como estamos realizando nesta apreciada revista este longo estudo sôbre os novos tempos, solicitei ao diretor da mesma fosse o mesmo transcrito.

E assim, por uma necessidade da Lei da Evolução, o nosso Planeta terá de passar a um plano de gradação mais elevado, grande número de espíritos irredutíveis no êrro e no crime, terão que deixar a Terra e ser localizado em um outro Mundo, compatível com o progresso atingido, embora seja igual a zéro, sem que dessa localização resulte retrocesso para o espírito. Uma vez a Terra depurada dêsses elementos, conhecerá dias melhores e a vida transcorrerá tranquilamente, quando, então, conforme afirmou Jesus — «os mansos possuirão a Terra.»

Jesus tem sob seus olhos aqueles que com amor cultivam a sua doutrina, nada lhes deixando faltar nas horas de necessidade. — **Mariquinhas.**

Casamento entre Espíritas

Entenda-se de logo que aquí se trata de casamento entre espíritas, de espíritas, e não de casamento espírita, coisa que não existe no Espiritismo.

O casamento para o espírita é o consagrado na Lei, pela Lei, que foi êste, de resto, o casamento de que se fala no Velho Testamento e no Evangelho.

Jesus não instituiu casamento algum.

Prestigiou, santificando-o com a sua presença e com o seu primeiro prodígio, o de Caná.

O casamento religioso é criação da Igreja, que o apresenta, não sabemos com que credenciais, como a benção de Deus sôbre os noivos.

E Deus enviaria, mesmo, sua benção por um sacerdote que recebeu dinheiro, sem conhecer bem os noivos, para tanto? Que distribúe tal benção sem emoção e sem alma?

Os casais desavindos, adúlteros e desquitados, separados e desharmônicos, foram, todos eles, sinão numa proporção de 90 %, casados na Igreja, eis uma verdade dolorosa a confirmar que tal benção...

O casamento de Deus para o espírita é o amor entre os noivos, é a amizade que se destina a aproximá-los por toda a vida, é o desejo e o propósito de viverem um para o outro, em comum, permutando afetos e fidelidades, assistências, alegrias e dôres.

Êste casamento precede o da Lei, porque aproximou espíritos afins, corações que se procuravam.

Vem, depois, o da Lei, aproximando corpos.

Para coroamento de ambos, uma prece íntima, proferida por pessôa amiga, que deseje, de facto, a felicidade dos noivos...

Tratemos, aquí, de duas preces assim, que ouviramos recentemente, dignas, na verdade, de ser conhecidas de todos.

* * *

A primeira, depois do casamento civil do confrade José Jorge, professor em nosso Ginásio, com uma jovem da *mocidade espírita* a que pertencia.

Num ambiente íntimo, entre parentes e amigos, o noivo promoveu uma sessão espírita, artístico-doutrinária, interessantissima. A mais interessante a que já assistimos. O noivo presidiu-a. Uma senhora proferiu uma prece emotivissima. Nós fizemos uma leve palestra sôbre o casamento, sua origem e finalidades. Depois de nós, falaram um pastor protestante, um velho e um jovem, mais uma senhora, todos, amigos do casal, entremeando cada peça sintética, números de música escolhida, suavissima.

A *Canção da Alegria Cristã* e um farto serviço de doces, sanduiches e gelados sem alcool, terminaram o programa, que ficou na memória de todos.

* * *

A outra, é de ontem.

Procedeu ao casamento civil de uma sobrinha nossa, elemento da mocidade espírita de Iguassú, de que foi presidente, Ilza Chaves de Almeida, com um moço que frequentava a *mocidade* em cita.

Ao caír da tarde, a reunião íntima, cuja direção nos coube.

Em torno de enorme mesa, todos de pé, muitos parentes, confrades e amigos dos noivos, processou-se o programa.

As crianças do Lar de Jesus cantaram a Prece a Jesus, que serviu de excelente preparação de ambiente.

Proferimos uma sintíse do casamento, desde os tempos remotos até chegar ao casamento da Igreja, ao casamento entre espíritas.

E a tia da noiva proferiu emotiva prece, que sensibilizou toda gente.

Depois, os jovens da M. E. I. cantaram a Canção Nupcial dos jovens espíritas; D. Benedita Santos, mentora, faz expressiva saudação e uma jovem declama lindos e oportunos versos. Um aluno da *Escola João Batista*, em nome de seus colegas, sauda a noiva, sua professora. A diretoria do «Fé, Esperança e Caridade» da CELJ, da Assistência aos Necessitados do F. E. C., departamentos em que a noiva tem atuação, saudaram-na por delegações especiais para tanto.

E todos pediam, sinceramente, emo-

tivamente, a Deus graças e bençãos para os noivos. Só um orador, o presidente da CELJ, prof. Newton Gonçalves de Barros não pediu nada, agradeceu. Agradeceu aos noivos o belo exemplo de sobranceria e coragem moral que acabavam de dar, dispensando o casamento formalístico da Igreja, o véu e a grinalda, essa coisa que, infelizmente, muitos poucos sabem, na hora do testemunho—o batismo de fogo do Cristo — levar a sério.

O ambiente, extraordinário de emotividades.

A vibração era intensa.

O noivo, Alcebiades Peres Machado, agradece, emocionadissimo, salientando sua firmeza de convicção no Espiritismo e que fôra aquela a maior emoção de sua vida.

Depois, uma prece de agradecimento e encerrou-se o programa.

Uma farta e artística mesa de doces finos e sanduiches, com gelados sem alcool foi servida a todos.

Nesta modesta crônica manifestamos, apenas, o que sentimos, o que sentiram quantos tomaram parte na cena tocante e profundamente significativa.

E louvamos o belo exemplo de independência espiritual-social dos noivos; esta coisa que tende a generalizar-se no meio espírita, para lição forte e bela destinada aos jovens espíritas que já compreenderam e sentiram suas responsabilidades dentro da Doutrina.

Leopoldo Machado.

Respigas e Comentários

O fenômeno espírita, velho quanto o mundo, é facto inconcusso passado em julgado. Não assim o seu conceito, filosófico ou científico, variável com os tempos. Com Flournoy, Janet, Morseli, Richet, qual mais abstrusa e sibilina, enxameiam teorias em apojadura de hipóteses, que os Espíritos manifestantes prestes se incumbem de invalidar.

Não há, porém, como desconhecer a dificuldade e raridade das boas provas de identificação pessoal.

Esta, respigada em *Ultrafânia*, de Gino Trespioli, é das melhores que conhecemos.

«Sessão em Carrara, médium Bice, assistência de 30 pessoas, entre as quais um fabricante de instrumentos de corda, interessado em saber o segredo da técnica que fez do Stradivarius, desencarnado em 1737, uma celebridade mundial.

A médium em transe, tateando um violino, foi apontando e corrigindo os defeitos encontrados e acabou por traçar um gráfico para colocação dos filetes de madeira, ao mesmo tempo que dava instruções verbais e por escrito, que o consulente logo reconheceu de subido valor. De tanto valor, que lhe granjearam de imediato, boa clientela e renome.

Depois, assim conclúe o relator:

Outra característica a assinalar é que, enquanto o suposto Stradivarius apalpava o violino e ministrava instruções, fazia-o como se fôra míope e com termos técnicos de todos ignorados, inclusive o próprio violineiro. Um assistente mais curioso incumbiu-se de investigar a biografia de Stradivarius e chegou à conclusão de ter sido êle muito míope, bem como a de que os termos empregados, caídos em desuso, eram correntes no seu tempo».

Êste episódio é apresentado por Trespioli para demonstrar a inanidade das hipóteses de Gross, Ferrari, Jastrow, Janet e Morton Pricee sôbre o *obscurecimento crepuscular do subconsciente* — um bom quebra-cabeças para os amadores de anfiguris opiáceos.

—

Há muita gente convicta de boa erudição, que ainda acredita no ateís-

mo de Voltaire... Nada, contudo, de mais injusto. A verdade é que o arguto filósofo apenas procurava anular o belipotente e sanhudo Jeová dos israelitas, que os néo-cristãos empalmaram e converteram em patrono de todas as maiores iniquidades e maroteiras históricas.

Porque, de facto, materialista e ateu não é quem assim se exprime, escrevendo a Diderot:

«Confesso que não concordo com Saunderson, que nega Deus por ter nascido cego. Talvez me engane, mas no lugar dêle, eu reconheceria uma grande inteligência que me deu tantos substitutos para a vista; e apercebendo-me, pela reflexão, das admiráveis correlações entre todas as coisas, eu suspeitaria a existência de um OBREIRO infinitamente hábil (1).

O que o Sr. de Arouet negava era o Deus antropomorfo, imaginado semelhante a nós; e o que opugnava era a tirania político-religiosa, que ainda aí vige por infelicidade nossa.

—

Conceito da Caridade:

«Não a conheço, nunca a vi. Muitos me falam dela. Penso, então, que se algum dia veio ao mundo, dêle se exilou no coração do CRISTO. Para conhecê-la, portanto, é preciso conquistar o coração do CRISTO.

M. Quintão.

(1) *Voltaire em suas cartas—pag. 81*

Promiscuidade não é Fraternidade

O predomínio do clero, ou seja, a influência da religião sôbre os destinos dos povos, data da mais remota antiguidade.

Basta revolvermos as páginas da história da civilização até o código de Hamurabi, na grande expansão civilizadora da velha Babilônia, para concluirmos com os documentos em mão, que bem pequena tem sido até hoje a conquista do homem para a sua libertação espiritual.

No primeiro milênio A. C, quando os escravos babilônios começaram o arroteio da terra e nela o plantio das primeiras sementes, alicerce de fartura, servindo-se da enxada e do arado em substituição aos primitivos instrumentos da época neolìtica, era comum a influência clericalìstica e a LEX TALIONIS—a lei de retaliação — era aplicada sob o rigor desse tempo, com a assistência sacerdotal dos corifeus da religião de então.

Hoje, o que vemos? quase a mesma cousa, a mesma influência, o mesmo predomínio.

Aquí no Brasil, por exemplo, que tivemos a ventura de acompanhar de perto um Ruy Barbosa que, traduzindo «O PAPA E O CONCILIO de Janus, escreveu no ardor idealístico da mais vigorosa convicção, um prefácio bem mais valioso que a própria obra traduzida; que tivemos, no curso de 1876 e 1877, um Ubaldino do Amaral proferindo conferências (valiosos documentos que a propaganda republicana nos legou), anatematizando a audaciosa intromissão clericalística nos assuntos da alta administração do Império, onde a república idealizada seguia a sua marcha triunfal, não podemos deixar de lamentar a nossa falta de vigilância, permitindo há tantos anos, e hoje mais do que ontem, que a internacional negra, na classificação estupenda de Ubaldino do Amaral, viesse influir, tão poderosamente, nos destinos político e moral de um povo de boa índole é certo, mas, infelizmente tão mal cuidado quanto a sua formação moral e cívica, num recuo de tantos séculos.

Os rituais aparatosos, impregnados de alguma beleza artìstica, usados pela igreja romana, são, no fundo, os mesmos que fizeram o encanto da Babilônia, de Hamurabi a Nabucodonosor.

Mais tarde, afirmam e confirmam alguns historiadores, que as riquezas acumuladas como patrimônio da faustosa Babilônia, Nabucodonosor as dispendeu no embelezamento da capital e na satisfação da fome dos sacerdotes.

Se fizessemos cuidadosa estatística

entre os imigrantes vindos para a América do Sul nesses últimos anos depois da guerra, revendo os jornais que afirmam em seus comentários que, enquanto na Argentina entram milhares de técnicos dispostos ao trabalho que engrandece a nação platina, aquí no Brasil entram milhares de sacerdotes que hão de promover de modo eficiente a catequese de novos fanáticos, no sentido de submeter um Estado Nacional, como enfatuadamente poderia dizer o criador do Estado Novo de quasi apagada memória, ao domínio de um Estado Internacional. E, assim, teremos de concluír que, se no Brasil tivessemos economia organizada, ou seja, fortuna acumulada pelo Estado, tal como aconteceu na Babilônia ao tempo de Nabucodonosor, o governo a dispenderia, pelo menos, para matar a fome aos sacerdotes que aos milhares são recebidos por nós enquanto a Argentina recebe técnicos.

Examinando de perto essas coisas e vendo como solertemente os discípulos de Loyola vão penetrando em nossa vida e influindo nos destinos de nossa Terra, não há quem, possuido de bom senso, seja capaz de cruzar os braços qual mero espectador, alheio à sua própria sorte.

O nosso dever é, pois, o de prosseguirmos juntos pelo roteiro iluminado que os espíritos reveladores nos apontaram, ditando a Kardec a Doutrina Espírita com fundamento no Evangelho do Cristo que é o Código por excelência, sem o qual não cremos ser possível a reforma espiritual do mundo. Para nós, a mais acertada campanha a que os espíritas terão que se empenhar, a partir dêste instante de confusão que estamos vivendo, será a da defesa do Espiritismo, não das arremetidas clericalísticas ou da ciência enfatuada de um Leonidio Ribeiro, mas, do descrédito a que muitos espíritas afoitos, à guisa de inovação, vão atirando a Doutrina, impregnando-a dos mesmos defeitos que desmoralizaram as velhas religiões, pois, até procissões pelas ruas da grande metrópole e em pequenas cidades do interior, como em Valença, Estado do Rio de Janeiro, se fazem num desrespeito flagrante aos postulados da Doutrina.

Nessas condições, passo a passo, hoje uma canção inocente e bela, outras amanhã; hoje uma procissão e amanhã muitas outras; um leilão de prendas, tipo igreja católica como tivemos ocasião de assistir no subúrbio de Ricardo de Albuquerque, onde até um porco em grunhidos ensurdecedores, preso aos ombros do leiloeiro dentro do salão inaugurado naquêle instante e que dera motivo à festa que então assistiamos, tudo isso e quanta coisa mais, irá sem dúvida, dentro de muito pouco tempo, transformar a Doutrina reformadora num amontoado de coisas esdrúxulas, tal como aconteceu ao Cristianismo, hoje deturpado, mas que infelizmente somos forçados a considerá-lo como base da nossa defeituosa civilização de místicos corruptos e corruptores.

Se continuarmos tolerando, isto é, se permanecermos impassíveis como fazem muitos por espírito de tolerância mal compreendida ou quasi criminosa, deixando que se conspurque a Doutrina que há tantos anos vimos pregando como sendo a mais bela e perfeita de todas as que existem; essa Doutrina maravilhosa, de tão fácil compreensão, embora difícil de ser praticada; se deixarmos sem protesto que se misture umbandismo com Espiritismo; que se façam do mediunismo o mais torpe e nefasto mercantilismo; que médiuns sem qualquer noção de respeito e responsabilidade, vendem o que de graça recebem; que médicos, verdadeiros trampolineiros, se instalem com «consultórios espíritas», explorando impiedosamente o povo de boa fé e na sua maioria ignorante, voltado sempre para o sobrenatural, dada a sua tendência mística, estaremos prestigiando a decandência do Espiritismo.

Sabemos que representantes de laboratórios, na ância de vender o mais possível os seus produtos, e, habituados no trato com médicos corruptíveis, andam farejando os médiuns receitistas por toda parte com o fito de corrompe-los também, oferecendo-lhes vantajosas porcentagens e até vencimentos mensais garantidos, com a única condição (que coisa absurda!), de indicar em seu receituário os produtos constantes da fabricação do laboratório de sua propaganda.

Sabemos mais, infelizmente, que há diretores de centros, aquí no Rio como em cidades do interior, vivendo exclusivamente da exploração, em nome do Espiritismo.

A confraternização entre os espíritas que tivemos a felicidade de assistir em uma das tentativas promovida por

Viana de Carvalho em 1922 e hoje ensaiada por alguns abnegados cultores da Terceira Revelação, seria, se possível, a mais bela obra de propaganda cristã, mas, como consegui-la? Reunir em um só blóco, espiritistas, teosofistas, esoteristas, umbandistas, macumbistas, cangeristas, tartufos e charlatães? Impossível! O Espiritismo é incompatível com a deshonestidade, com a mentira, com a fraude!

Se houve quem pretendesse, á sombra de uma grande e respeitável instituição, *coligar*, com o objetivo da quantidade, todos os centros, federações, uniões e tendas; kardecistas, umbandistas ou macumbistas, essa enorme floração da família das solonácias, cultivada hoje até por letrados e doutores alfabetizados, essa tentativa não foi e não será jamais praticada com o nome de Espiritismo, a não ser que pretendam dar corpo ao ecletismo ensaiado pelo mestre Yokaanam, que tanto assunto está dando aos jornais e revistas, em face da mística e presunçosa figura de pseudo nazareno.

A idéia das *coligadas*, felizmente fracassada, contra a qual tivemos ocasião de lançar imediato protesto, seria a mais infeliz de todas as iniciativas destes últimos tempos, pois, se o Espiritismo colima a fraternidade, não visa entretanto renunciar a autoridade que possue pela superioridade de sua Doutrina. E, se partindo de onde partiu tão extravagante objetivo, seria a degradação da Doutrina que ela própria pregou e defendeu no curso de muitos anos e que ainda hoje e mais do que ontem, precisa pregar e defender.

Alegar espírito de fraternidade ao ato de promover a junção de todas as organizações, desde a Doutrina Espírita, sabiamente codificada, até ás mais esdrúxulas que vão da umbanda ao cangerê, é confundir fraternidade com promiscuidade.

PEREIRA GUEDES.

Rio, Março de 1949.

O demorado beijo de uma bôca gelada

A exteriorização da alma é um fato comprovado desde os mais remotos tempos, isto é, conhecido desde o aparecimento do homem na terra.

Os milhares de casos que a história de todos os povos registra, deixa fóra de dúvida que o nosso espírito, em casos especiais, póde se desprender do corpo físico e aparecer em outra parte, com o seu corpo *perispirital* ou corpo espiritual, como o chama São Paulo.

Uma enfermidade grave póde motivar o desprendimento do espírito, assim como uma violenta emoção ou a cessação gradual das funções vitais.

Magnetizadores de fama mundial, em suas experiências, demonstraram a possibilidade de provocar a exteriorização da alma e que não se produz sómente durante o sono, mas também pela ação magnética.

Um dos maiores astrônomos do seu tempo, Camilo Flamarion, dentre cento e oitenta e seis casos desta natureza, relata um que, antes de morrer, um homem, quís se despedir de sua amada, beijando-a momentos antes de partir para a espiritualidade

Eis como Leon Denis, «No invisivel», narra o fato: «Uma moça, ao fim de sete anos de afetuosas relações, se havia separado do homem que amava. Este casou-se, e ela nunca mais teve notícias suas. Passaram-se alguns anos, quando, em uma noite de abril, viu ela entrar em seu quarto uma

forma humana que se aproximou e sôbre ela se debruçou. Sentiu então nos lábios, com terror, o demorado beijo de uma bôca gelada. No dia seguinte, cerca de meio dia, correndo a vista por um jornal, leu a noticia do falecimento e dos funerais do que fôra seu amante.» (1)

SPARTACO BANAL.

(1) Esses fatos veem demonstrar o grave êrro dos princípios do materialismo.

Fenômenos de Materialização

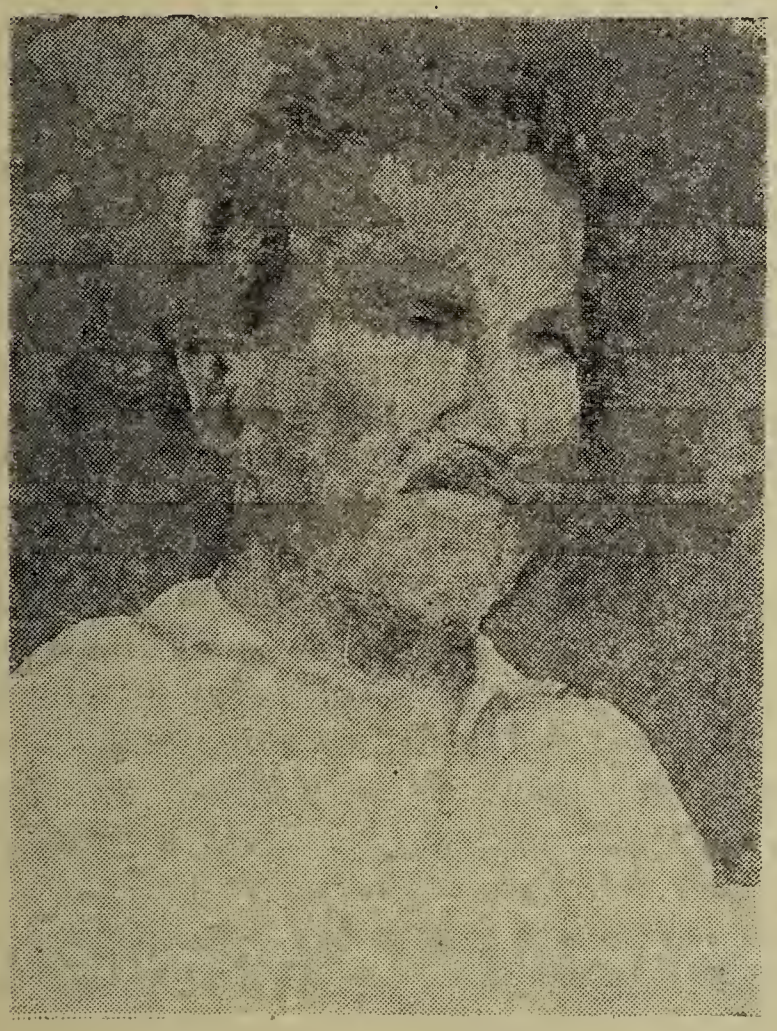
XXVII

Devidamente autorizados, os distintos confrades Luiz Mesculin Junior, D. Florinda Mesculin, sua esposa, Orvile Darby A. Dutra, sua esposa D. Araci e sua filha Raquel, de cinco anos de idade, procedentes de Juiz de Fóra, Minas Gerais, onde residem, e o Prof. Pierre Ribeiro, vice-presidente do Grupo Espírita «Pedro», de Macaé, E. do Rio de Janeiro, reuniram-se com os habituais assistentes do Grupo «André Luiz», no dia 6 em curso, para a sua sessão ordinária de Assistência Espiritual. Os trabalhos são abertos por mim, depois de feita á prece inicial. Um espírito amigo, que não declinou a identidade, incorporado em um dos médiuns do Grupo, orienta devidamente os assistentes, proporcionando-lhes momentos de inefável enlêvo espiritual, esflorando palpitantes preceitos doutrinários espiritístico-evangélicos e precrevendo os cuidados aconselháveis para o bom aproveitamento dos recursos espirituais disponiveis em favor de muitos enfêrmos, dos quais, alguns estavam presentes, aconselhando a estes a disposição dos lugares, etc. e entrando mesmo em minúcias quanto ao que deveria ser preparado, por nós, para que os cooperadores astrais pudessem encontrar clima favorável ao seu elevado desempenho espiritual de assistência psíquica e moral aos nossos doentes.

O médium Lins vai repousar na câmara adjacente. O hino «Entardecer» é entoado com unção espiritual pelos assistentes. São notados vários fenômenos de explosão luminosa. Ouvem-se vozes na cabine. José Grosso encanta os assistentes com a sua palestra, em voz direta. Neuza Magaldi sucede-o no seu desvelado expediente. O bondoso espírito fala mais de uma vez, cantando, palestrando e mandando, pelo Mesculin, um recado aos seus pais. Scheilla vem ao recinto, materializada. Flitz e Garcês, materializados, veem à sala, assistindo aos enfêrmos. Garcês empunhava um aparelho, cuja forma não pude precisar, do qual partiam irradiações de luz, tocando, com êle, os doentes presentes. Eram visíveis as emanações suaves que o aparelho produzia, parecendo uma pilha geradora de energia elétrica, cujos efeitos luminosos eram intermitentes e ritmados. E' cantado o hino da Juventude «Francisco Candido Xavier», de Astolfo Dutra. O professor Pierre Ribeiro faz uma preleção externando as evocações saudosas e ternas que lhe sugeriam o hino recem-cantado, lembrando os dias de convivência fraterna e feliz da 1.ª Semana Espírita de Astolfo Dutra, Minas, onde fôra, com a querida irmã Ana Maria, atualmente doente, em Campos de Jordão, integrando a delegação de Macaé. Ao terminar, pedi ao estimado irmão Vitorino Eloi dos Santos que, interpretando o pensamento dos presentes, fizesse uma prece, na qual envolveriamos a dedicada e boa espiritista, de quem, o próprio Pierre, acabava de declarar ter recebido uma missiva sua, em que se confessava conformada na sua rude provação, achando que a dura prova do seu mal, ainda era suave para o resgaste dos deslises das suas existências pretéritas.

E' cantado o hino «Prece a Jesus» música da Serenata de Schubert, e letra de Sebastião Lasneau. Scheila fala, em voz direta, apoiando a idéia da publicação de «A Morte de Estevão», trabalho literário do jovem Silvio Renato Campos, espécie do Gibi, em quadros figurados, artisticamente, a cores, com legendas do livro «Paulo e Estevão». Os irmãos Inácio, Fon-

seca, Madalena e Margarida fazem comovidas preces em intenção dos doentes. São cantados, alternadamente, os hinos «Aprendizes do Espiritismo», «Almas Gêmeas», «Canção Materna» e «Amor e Fraternidade». Tecem comentários à lição lida, de início, os companheiros Ferreira, Lauro e Orvile. José Grosso e Neuza confortam-nos com a sua palavra, por voz direta tendo, o primeiro, anunciado que o Tongo iria brindar-nos com mais duas telas, apresentando o seu retrato, tão almejado pelos sócios do «André Luiz», e por mais um de Araci, numa pôse diferente da do que nos fôra anteriormente ofertado. Uma voz, que partia



JOSÉ GROSSO

do gabinete mediúnico, avisa-nos de que deveriamos encerrar os trabalhos. O Ferreira vai despertar o médium, depois que eu proferi a prece final.

No compartimento contíguo à câmara encontramos as duas fotografias prometidas, aliás nítidas, perfeitas.

Também encontramos um molde ôco de u'a mão em parafina, que logo se me afigurou ser de Scheilla.

A téla de Araci mede 32 x 24 e a de José Grosso 24 x 16. O retrato de José comoveu-nos, pois que, conforme já estavamos orientados, verificámos a ausência dos seus olhos, arrancados das orbitas, a ponta de punhal, na última peregrinação pela Terra, de que veio a desincarnar. Não obstante, sua figura irradia simpatia e sugere adoração, dado o seu aspecto de superioridade e tendo em vista a nossa grande amizade ao infatigável companheiro de André Luiz, do Mundo invisível. No que tange à minha pessoa, confesso que a sua silhueta se me afigura familiar, podendo afirmar que me não é estranha! E' provável que, durante o sono do corpo, tenha, repetidas vezes, firmado com o bondoso amigo, robusta afinidade.

Resumi, propositadamente o relato desta sessão, sem entrar em minudências, para dar margem a que sôbre ela se manifeste o delicado companheiro de lidas espirituais, Afonso Pinto da Fonseca, para que a êle, se abra o necessário espaço nestas colunas:

Vejamos, pois, o que êle nos diz:

«Relato da Sessão de 6/3/48»

Sob a presidência do irmão Amadeu, a sessão teve início ás 20 horas. Um irmão da Espiritualidade, por incorporação, diz-nos da nossa responsabilidade, perante a importância dos trabalhos que vão realizar, atinentes, especialmente, à assistência espiritual aos doentes; pede para evitarmos a curiosidade, pois que esta é prejudicial ao bom êxito da sessão; aconselha-nos a nos mantermos em recolhimento e prece, enquanto os espíritos assistem aos enfêrmos, no ambiente, nêsse dia em número de seis, inclusive dois de Juiz de Fóra. O médium recolhe-se à cabine e as luzes são apagadas, com exceção de uma, pequena, de cor vermelha, cuja claridade era suficiente para a leitura de uma página de André Luiz. A irmã Madalena ora pelos doentes. O irmão Ferreira faz o primeiro comentário à lição lida. Nêsse ínterim ouço barulho dentro da cabine: rumor de passos, agitação na água e atrito nos objetos de madeira e de metal. Canta-se um hino e em seguida o Prof. Pierre Ribeiro, de Macaé, emociona-nos com um relato, cuja protagonista era a nossa estimada irmã Ana Maria, óra em Campos de Jordão, lembrando episódios com ela passados por ocasião da realização da 1.ª Semana Espírita de Astolfo Dutra, em Minas Gerais. O José Grosso conversa conosco, dizendo não estar muito bom, ao que o irmão Amadeu responde não ser isso bom sintoma, pois, quando tal se dá é porque nós, incarnados, do

«André Luiz», cometemos algum deslise. Uma voz diferente se ouve, recomendando fôsse apagada a única lâmpada. Depois disto aparece um espírito materializado no salão, confortando os nossos irmãos Carlos, Emilia, Ernesto, Araci e Raquel, sua filhinha, vindas, estas duas últimas de Juiz de Fóra, para serem beneficiadas. O irmão Vitorino faz uma prece em favor de Ana Maria, durante o que vem ao recinto outra entidade materializada, que se dirige aos irmãos citados, tocando-os com um aparelho que era formado em linhas retas, devendo medir 15 centimetros de comprimento e 10 de espessura, de que se desprendiam irradiações, parecendo uma brasa enorme, muita viva. Recolhendo-se à cabine, não mais apareceu. Canta-se mais um hino, que outro espírito acompanha em côro, já no meio do salão, materializado, vestindo-se de branco e apresentando-se em formas femininas. Era Ilka que vinha dirigir-se aos seus pais, Vitorino e Dina, depois de se fazer silêncio. Depois disto a Neuza nos fala, pedindo aos irmãos Orvile, Araci e Noca que transmitissem um abraço ao seu paizinho e que lhe dissessem que continuasse na sua obra de difundir o Espiritismo, porque isso a fazia muito feliz. O irmão Orvile faz um comentário evangélico e rende graças a Deus por estar vivendo momentos de felicidade no «André Luiz». A um pedido do irmão presidente, José Grosso enumera os espíritos que vieram, materializados, à assistência, na ordem seguinte: Scheilla, Flitz (que atenderam aos enfêrmos), Ilka, Neuza e Margarida. Tenho a declarar que não vi a Margarida, porque na ocasião que ela veio ao salão eu fazia uma rogativa a Deus, de olhos fechados. Mas os outros companheiros viram-na claramente. Os trabalhos, prosseguem, já agora com claridade no salão, por ordem dos guias e sem que se o esperasse, aparece do lado esquerdo, justamente onde eu me encontrava, um espírito que eu reconheço, pela fisionomia, ser a Margarida, tendo-lhe eu visto o rosto lindo, denotando felicidade íntima, justamente quando ela atendia ao irmão Carlos. Passados alguns instantes ela penetra na cabine, pelo lado oposto. Uma vez pede para que seja novamente escurecido o ambiente. Logo reaparece a Margarida, vindo até junto da irmãzinha Raquel, refletindo-se sôbre o seu abdomen a mesma luz que eu notára na cicatriz da intervenção cirúrgica a que, no Hospital, se submeteu o irmão Carlos. Conversa com a irmã Araci e dá-lhe uma pedra de cristal de rocha. Vai para perto da nossa irmã Emilia, repetindo-se o mesmo fenômeno, porém desta vez, com a duração maior de tempo. Recolhendo-se ela, reaparece Ilka, que vem conversar com sua mãe, sendo que foram estas as suas últimas palavras: «Sou muito feliz!» A Neuza vem entregar à D. Noca uma pedra que ela pede leve à sua mãe, em Juiz de Fóra. O José avisa-nos de que o Tongo iria fazer sua fotografia em aquarela. O Fidelinho canta conosco a «Canção Materna». Passados alguns momentos, um espírito manda que se faça uma prece de agradecimento a Deus, pelo muito que Êle nos havia concedido, no que é atendido. O irmão Ferreira vai acordar o médium, enquanto é entoado o hino final, encerrando-se, assim, os trabalhos da noite. Acesas as luzes, vi dois retratos o do José e o de Araci Peixoto. E José, conquanto se lhe notem a deformação dos olhos, apresenta-se numa fisionomia simpática. A Scheilla deixara-nos o molde de uma das mãos, em parafina. Com o meu coração cheio de gratidão a Deus, deixei o Grupo ás 24 horas e 10 minutos.

a) Antonio Pinto da Fonseca».

Rio, Abril de 1948.

Amadeu Santos.

O Espiritismo não se resume apenas na crença nas comunicações com as almas dos mortos. Êle é uma das maiores revelações do Alto e, como tal, sua missão é instruir e guiar os homens na senda da espiritualidade. O seu advento no mundo significa que a humanidade está prestes a transpor as barreiras da materialidade rumo aos altos píncaros da felicidade, o que deve alegrar aqueles que depositam suas esperanças nas promessas de Jesus. — CAIRBAR.

Livros e Autores

ESPIRITISMO E LOUCURA *de Carlos Imbassahy, Livraria Allan Kardec Editora.*

Não cremos que haja, no Brasil, dois espíritas de pontos de vistas que mais se choquem, principalmente em questões evangélicas, do que nós e o Imbassahy.

Conhecemo-nos a brigar.

Faziamos, alí por 1918, apreciações literárias, com veleidades de crítico, quando recebemos *Leviana*, romance de Carlos Imbassahy.

Nós eramos cristão novo no Espiritismo.

Uma cena de romance, que se nos afigurou ofensiva à Doutrina, foi o motivo para desancarmos o romance.

O autor não gostou.

E escreveu-nos, dando-nos uma série de lições: de vernáculo, de literatura, de inglês, de bôas maneiras, de tolerância.

Em uma de suas cartas, escreveu que não era espírita e Deus o livrasse do Espiritismo.

E ferrámos uma polêmica epistolar que quasi não se acabava.

Anos depois, publicavamos uma série de sonetos líricos.

Uma das mais belas crônicas sôbre nosso *Saudade* foi do Imbassahy.

Uma lição de tolerância e perdão em regra.

E quando vieramos para o Rio, caimos nos braços um do outro, aproximados pelo pequenino grande Amaral Ornelas. Pequenino no porte e grande no coração, na inteligência e nos atos.

Continuámos ao longo dos anos sempre amigos e sempre em discordâncias.

Mas, coisa interessante!—quanto mais discordámos, mais amigos.

E' que colocamos nossa amizade pura e sincera à margem de nossas idéias, nossos pontos de vistas.

Parece que poderiamos servir de modêlo a muitos mestres em Israel e do Espiritismo, para os quais «o quem não é por mim é contra mim», do Cristo, deve ser interpretado alí, ao pé da letra, á moda João Calvino.

* * *

Carlos Imbassahy acaba de publicar mais um volume, *Espiritismo e Loucura.*

Edição primorosa da *Allan Kardec Editora*, de S. Paulo.

O volume que nos coube, devoramo-lo no *elétrico*, a caminho de casa, de tão exiguo de texto.

E é o único grande defeito que lhe podemos notar.

No mais, basta dizer, que se trata de livro de Carlos Imbassahy, editado pela Alan Kardec Editora.

Só isso, ajustado ao título do volume, pensamos que é o bastante para recomendar o livro aos espíritas de bôa vontade e cultura, que para eles foi o livro publicado.

Agora, uma revelação para a meia duzia de leitores, se é que o temos: todos nós conhecemos Carlos Imbassahy como o polemista excepcional, o profundo conhecedor da filosofia espírita, o mais em dia de nossos escritores, com a língua, vernaculista que também o é.

Como poeta, ninguém o conhece.

E poeta retratista, leve, humorista.

Duvidam? Pois aquí está a nova, na dedicatória com que nos mete seu belo volume em mãos, em que ressalvando-se as generosidades que diz de nós, puras mentiras embassaianas facilmente desmentidas por quem nos conhece talvez melhormente, porque mais psicólogos tudo o mais é de bom poeta, alegre e vivace, chistoso.

Leopoldo Machado.

Tendes a obrigação e o direito de cuidar das cousas materiais, porque elas vos são necessárias, mas lembrai-vos sempre de que a vossa existência terrena tem por escôpo preparar a vida do espírito. — Gregorio.

Visitando os Confrades de Buenos Aires

Excursionando pela República Argentina, em fins de outubro do ano passado, permanecí, antes de regressar ao Brasil, alguns dias em Buenos Aires, a opulênta e atraente metrópole portenha. Assim que me foi possível, procurei entrar em contacto com nossos irmãos, servindo-me, para tanto, de alguns enderêços de sociedades espíritas. A primeira visita que fiz foi à Editora Victor Hugo, com séde à rua Miró, 163. Recebeu-me atenciosamente a srta. Gomez, que não escondeu a sua imensa satisfação ao saber que eu vinha do Brasil e que desejava por-me a par das atividades doutrinárias dos espíritas de Buenos Aires. A srta. Gomez, com sua proverbial gentileza, fez uma exposição sintética do movimento espírita na Argentina, particularmente do ponto de vista cristão. Em seguida, mostrou-me todas as dependências da Editora, salientando o seu papel na edição de obras espíritas, mormente durante o período crítico da segunda guerra mundial. Naquela época, interrompidas todas as comunicações com a Europa, não vinham mais livros espíritas da Espanha e as editoras argentinas tiveram que redobrar as suas atividades para suprir a lacuna criada com a situação internacional.

A Editora Victor Hugo é orientada pelo sr. Santiago Bossero, uma das mais vigorosas penas doutrinárias da vizinha república. Devido a um desencontro de horário, não pude, infelizmente, conhecer o sr. Santiago Bossero.

A noite, acompanhado de grande número de confrades, estive na Confederação Espírita Argentina, dirigida pelo esclarecido companheiro sr. Hugo Nale, elemento de grande valor na Seára do Senhor. Na séde da Confederação tive o ensejo de dilatar mais ainda o círculo de amizade, conhecendo novos irmãos, os quais, áquela hora, se dedicavam ao estudo e à meditação das obras básicas do Espiritismo. A Confederação Espírita Argentina congrega cerca de 40 sociedades, sómente na capital, afóra centenas de centros espíritas disseminados por toda a nação. Publica a importante e conhecida revista La Idea, de grande circulação nos meios espíritas e profanos do país, bem como do estrangeiro. Uma bem organizada biblioteca, contando com obras de alto valor doutrinário, permanece à disposição dos espíritas e de todos os que se interessam pela 3.a Revelação.

Na noite seguinte, fomos à Sociedade Constância, a mais antiga instituição espírita da Argentina, fundada no ano de 1881. Magnificamente instalada em sua confortável séde, à rua Cangallo, 2267, executa a dinâmica sociedade, há várias décadas, um intenso programa doutrinário, calcado nos fundamentos científicos, filosóficos e morais do Espiritismo. Recebidos fraternalmente pelo sr. Carlos Chiesa, figura de projeção nos meios espíritas de Buenos Aires e um dos diretores da Sociedade, percorremos detidamente todas as dependências, que ocupam os três pavimentos do enorme edifício. A distribuição das atividades doutrinárias e sociais é muito bem feita, realizando-se os trabalhos em salas amplas e confortáveis. Uma vasta e grandiosa bibliotéca, contando com obras espíritas de grande valor, permanece á disposição do público, diariamente, das 18 ás 20 horas. O salão de conferências têm a proporção e arquitetura de um teatro moderno, com capacidade para mais de mil pessoas. Como as palestras e conferências se realizam quinzenalmente, o salão frequentemente é alugado para cerimônias, festas sociais, cívicas, concertos, etc.; a renda é totalmente empregada para cobrir as despesas da associação, que não são pequenas. Anexa à Sociedade funciona a Editorial Constância, que edita numerosas obras espíritas, além da importante e conhecida revista «Constância», de grande circulação, pois vem sendo editada desde 1887, portanto quatro

anos mais nova que o nosso conceituado «Reformador», órgão oficial da Federação Espírita Brasileira. Como se depreende do exposto, as atividades da Sociedade Constância, no campo doutrinário, são enormes, abrangendo todos os aspectos da 3.a Revelação.

Notável é o espírito de fraternidade que reina no seio das entidades espíritas argentinas. Nas poucas horas de convivência que mantive com eles, já me sentia como em minha própria casa. Tive a impressão de que todos me eram conhecidos, velhos amigos e, possivelmente, o eram, pois dentro da eternidade da vida, passado e futuro convergem para o presente sempiterno, tanto mais real quanto mais integrados estivermos nos imortais ensinos do Cristo. Dentre os numerosos amigos que fiz, peço permissão para citar os nomes dos snrs. Hugo Nale, José Cáceres, Natalio Cecarini, Carlos Chiesa e do distinto casal Romanó.

Embora a Igreja de Roma exerça hegemonia religiosa quasi absoluta, por estar vinculada ao Estado, nem por isso esmorecem os nossos confrades quanto à execução da tarefa que lhes está confiada na sagrada Seára do Mestre.

Faço da veterana folha espírita «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» os meus intérpretes junto de todos os confrades de Buenos Aires, enviando-lhes, mais uma vez, os meus agradecimentos sinceros pela acolhida fraterna que me dispensaram.

Walter R. Accorsi.

Piracicaba, 7 de Março de 1949.

Crônica Estrangeira

Pierino Gamba

(MENINOS PRODÍGIOS)

De «Estudos Psíquicos» — Portugal
Por Antonio Cardoso

Esteve recentemente em Lisboa um dos maiores maestros do mundo, que, apesar de a sua pouca idade — 11 anos — faz deslumbrar pelo seu talento os grandes mestres. E' um verdadeiro «menino prodígio», desses prodígios de que tantas vezes ouvimos falar, mas que tão poucas temos a felicidade de ver.

Nasceu em Roma a 15 de Setembro de 1937, e desde muito novo começou a revelar uma tendência extraordinária para a música. Quando atingiu a idade dos 8 anos, seu pai começou a ministrar-lhe as primeiras lições de piano, e algum tempo depois, ao apresentar-lhe as sonatas de Beethoven, ficou surpreendido por ver que o garoto conseguia aprender em pouco tempo aquilo que aos adultos levava anos. Tempo depois, declarou que se sentia capaz de dirigir uma orquestra, e feita a experiência em presença de Toscanini e do Diretor da Opera de Roma — Arduini — ambos concluiram que se encontravam diante de um caso de precocidade extraordinária. Algumas semanas depois, ao dirigir uma das mais importantes orquestras de Roma, obteve um êxito estrondoso.

Daí para cá tudo têm sido êxitos sôbre êxitos. Esteve na Suiça, França, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra e por último em Portugal. Em Lisboa deu concertos no S. Carlos, Tivoli e Coliseu.

Desejoso de observar êsse extraordinário talento, fui uma noite ao Coliseu. Na sala não cabia nem mais uma pessoa; muito antes de começar o espectáculo, a geral e parte da platéia se encontravam completamente cheias. Quando a campaínha anunciou que o concerto ia começar, o silêncio fez-se e todos os olhares convergiram para a porta donde entraria na sala Pierino Gamba. Ao entrar, uma estrondosa salva de palmas ecoou por toda a sala. Pierino, de calção, vestido de veludo, encaminha-se rapidamente para a entrada, a passo ligeiro e olhar confiante na missão que iria desempenhar.

Uns segundos mais... e eis que o concerto começa. O pequeno maestro, como que alheado de todo o público, vivendo por assim dizer só para a música, começa a dirigir a orquestra com aquêle

talento que lhe é peculiar, com aquela precisão que o caracteriza. O público, os velhos músicos, os grandes maestros, olham, ouvem e pasmam! Pasmam como é possível uma criança de 11 anos deslumbrar os mestres! Pierino, além do seu extraordinário talento, tem ainda outra faculdade invulgar: sabe as músicas de cór, mesmo as partituras mais difíceis, mesmo as de maior responsabilidade, como as sonotas de Beethoven. Quando o concerto acabou, o público não se cansou de aplaudir o grande maestro, e por fim leva-o em triunfo até ao seu automóvel; a rua de Eugenio dos Santos parece pequena para toda a gente que lá se encontrava, desejosa de ver bem de perto e aplaudir Pierino Gamba.

O seu ouvido distingue todas as notas musicais, com uma nitidez extraordinária. Quando fez o ensaio com a Orquestra Sinfônica Nacional, emendou por diversas vezes vários passos de algumas partituras. No fim de uma delas, com o ar mais natural dêste mundo, disse para os componentes da dita orquestra:

— Com certeza, os senhores já não tocam isto há muito tempo...

* * *

Como explicar êste verdadeiro prodígio musical, êste talento que não se percebe como apareceu, estes conhecimentos musicais que não se percebe donde vieram?

A maior parte dos cientistas explica estes casos, atribuindo-os a factores hereditários. Eles dizem que todos os caracteres físicos e psíquicos do indivíduo se encontram dentro dum gene, que por sua vez são corpúsculos infinitamente pequenos que existem dentro dos cromosomas dos espermatozoides. Embora isso seja realmente verdade quanto à hereditariedade física (cor dos olhos, dos cabelos, calvície, etc.), o mesmo já não se poderá dizer quanto à hereditariedade psíquica, porque os factos têm provado o contrário.

Muitas vezes de um pai inteligente nasce um filho degenerado — os filhos de Péricles, Cicero, Marco Aurélio, Henrique IV, Luiz XIV, Cromwell, Pedro, O *Grande*, La Fontaine, Napoleão, etc., e inversamente dum pai vulgar, tendo os seus pais e avós também sido pessoas vulgares, nascem verdadeiros gênios. Nêste caso fica também invalidada a Lei de Mendel. Para exemplos, temos Balzac, filho de um artista mecânico; Robespierre, filho de pais obscuros, Lineu, filho de um cura de aldeia, etc.

Outros argumentam que estes casos são devido a um desenvolvimento extraordinário das glândulas endócrinas, e a uma constituição cerebral adequada. Mas também nos últimos tempos verificou-se que esta afirmação não corresponde à verdade, visto terem-se encontrado pessoas que sendo normais durante sua vida inteira, ao morrerem e ao ser-lhes aberto o cérebro, êste apresenta o seu conteúdo em forma de papa, ou mesmo de água, sem qualquer pedaço de matéria cerebral. Edmond Perrier apresentou, por exemplo, à Academia Francêsa o caso de um homem que viveu durante um ano inteiro com um cérebro reduzido ao estado de papa, formando apenas vasto abcesso purulento. Onde está então localizada a memória nessas pessoas, se o cérebro não existe, por assim dizer?

Certamente que em qualquer coisa que não se destrinça. A essa coisa chamam uns *fôrça psíquica*, outros *corpo astral* e ainda outros o *perispírito*.

Com o seu auxílio já o caso dos meninos prodígios se explica satisfatoriamente. Em cada vida terrena, o indivíduo deixa gravado no seu perispírito todas as suas experiências realizadas, fenômenos êsses comprovados pelas visões panorâmicas no momento da morte. Ao nascer, traz um enorme cabedal de experiências anteriores. Se foi bom, mostrará tendências para o bem: se mau, tendências para o mal: se músico tendências para a música, como aconteceu a Mozart e recentemente a Pierino Gamba.

Pierino Gamba é certamente o espírito dum grande maestro, dum grande músico que desceu à terra, para fazer a admiração dos sábios e principalmente para mostrar aos geneticistas que seus cálculos sôbre hereditariedade psíquica se encontram formalmente errados; o espírito não morre, antes, continua numa permanente evolução, aproximando-se cada vez de regiões mais altas, de planos mais elevados, onde só reina a Paz, o Amor e a Harmonia!

—

Uma nota de «Mundo Espírita» de 23/4/49:

PIERINO GAMBA

Passou pelo Rio de Janeiro, a 19 do corrente, com destino à República Ar-

gentina, o mais jovem maestro do mundo Pierino Gamba, com 11 anos de idade.

Em seu regresso Pierino Gamba demorar-se-á aquí e terá ensejo de mostrar que «quem sabe, sabe».

Êsse menino prodígio foi observado pelos nossos confrades de «Estudos Psíquicos», em Portugal. E viram que êle revela compostura e capacidade de Maestro. Que Deus o preserve, dos males terrenos, são os nossos votos.

⁂

Falando com os mortos

por Frederico Duarte, Manchester

Tenho recebido de várias partes notícias de certas pessoas que tendo lido a minha crônica «O Meu Filho não Morreu», se encontram perplexas sugerindo mesmo que a aparição dêle foi por uma mera imaginação minha.

Creio ter exposto os factos dum modo explícito e apontando estarem alí mais pessoas convictas de que o ocorrido foi genuino não tendo sómente ouvido falar o meu filho, como também o visto com o seu uniforme de soldado.

Nòs, os espiritualistas, sabemos muito bem das grandes dificuldades com as quais contamos para podermos convencer uma certa classe de indivíduos de que os fenômenos observados em sessões espíritas não são devidos à sugestão mas sim aos factos irrefutáveis.

Uma senhora das minhas relações entretinha se, de todas as vezes que nos encontravamos, a zombar comigo. Um dia ao saber que ia assistir a uma sessão pùblica com a médium Madame Bullock, pediu-me para que ela e uma outra senhora fossem comigo. Ao chegar ao salão notei estarem todos os lugares tomados, mas foi-me possível colocar duas cadeiras perto do palco onde ambas se sentaram. Eu fiquei perto da porta de entrada de pé. Ambas estavam certas de que a médium não sabia da sua presença alí.

Aconselhei-as antes de entrarmos a que se portassem bem e a não assustar-se quando o salão ficasse ás escuras, sómente com uma luz vermelha em frente da médium.

Antes da médium cair em trance, proferiu um magnifico discurso, manifestando haver alí no auditório várias pessoas que vinham com a intenção de assistir a uma demonstração teatral, e não a um acto solene e religioso. Apelou para todos a serem honestos e a se compenetrarem de que deviam considerar aquela reunião como se estivessem numa igreja.

Quando a médium foi posta em trance, apareceu transfigurado o seu guia principal Rainbow, o qual falou, como de costume num tom de voz que se podia ouvir bem lá fóra na rua.

Transfiguraram-se a seguir várias entidades que conversaram com pessoas de família e outras alí presentes e subitamente ouvimos um grito proferido pela senhora minha amiga. E' êle, é êle, o meu primo John !

O John transfigurado sorriu-se e disse: — «Sim, sou teu primo John Sparrow. Estou bem e feliz. Deus te abençoe. Boa Noite.

No final saimos todos para a rua e a Miss Grace me confessou ter visto e falado com o primo o qual tinha morrido por um desastre, tendo-se esbarrado contra um muro quando montava uma bicicleta. Fomos a casa da outra senhora onde estava o marido e uma filhinha de nove anos à nossa espera e onde tomámos todos o «chá». O marido saudou-nos com um «Então como se portaram os Espantalhos ? E a esposa contestou: — Não digas isso pois hoje vi a tua mãe e o meu pai, e êste disse-me para que olhe bem pela minha mãe pois está muito doente e precisa de atenção médica. A Miss Grace rebucou o marido também dizendo que estava bem impressionada com o que viu e ouviu.

Por diversas vezes tratei de convencer a ambas para irmos assistir a outras sessões, mas debalde, esquivando-se sempre a isso. Não sei francamente qual o motivo, mas folgo por me deixarem agora em paz e não mais me atiçarem e criticarem como o faziam até então.

—

Soube dias depois que efetivamente a mãe da senhora amiga estava muito doente e foram chamar o médico. Uns dias depois lá foi ela unir se ao seu marido no Além ! !

Não é pelo muito falar que sereis reconhecidos como seguidores do Cristo, mas sim, pelas vossas boas obras. — LUCIPAZ.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Uma visita ao Educandário Pestalozzi

Aproveitando as férias, fizemos uma visita ao Educandário Pestalozzi, de Franca, no dia 20 do mês passado, em companhia do nosso ativo representante Onofre Baptista.

O Dr. Tomaz Novelino, fundador e Diretor dêsse importante estabelecimento de ensino e um dos mais diligentes pregadores da Doutrina, nos mostrou, demoradamente, todas as salas e dependências do Educandário, onde milhares de crianças e jovens encontrarão as luzes do saber e da espiritualidade, afim de bem poderem se conduzir na vida terrena, no preparo de uma entrada feliz no mundo espiritual, em demanda do reino de Deus e a sua justiça.

A fachada principal do Educandário Pestalozzi, que obedece ao mais apurado estílo colonial, não dá siquer uma pálida idéia do vulto da obra. Quem desejar conhecer o Educandário em todos os seus detalhes, precisa fazer-lhe, como fizemos, uma visita e, como nós, exclamará maravilhado ao saber das dificuldades que o Dr. Tomaz Novelino teve que vencer para levar avante o seu empreendimento: «Eis aquí um testemunho do milágre da fé e da boa vontade!»

O Dr. Tomaz Novelino vem sendo apreciavelmente ajudado por sua dedicada esposa Prof.a D. Maria Aparecida Rebêlo Novelino, que é incansável, tendo sob sua responsabilidade pesada tarefa relacionada com a sua profissão de educadora e com a escrita do Educandário.

Disse-nos o Dr. Novelino que pretende montar no Educandário diversas fábricas e já está dando os necessários passos para a instalação, brevemente, de uma fábrica de caixas de papelão e outra de calçados, no desenvolvimento do curso profissional.

O Educandário Pestalozzi, que dentro em breve estará aparelhado para receber alunos de todas as regiões do Brasil, possúe vasta área de terreno que vai ser cultivado, afim de proporcionar aos alunos internados boa e abundande alimentação e conta já com uma pleiade de professores competentes, pois já estão funcionando o curso primário e a 1.ª série do curso ginasial.

Dessa forma, os filhos de pais espíritas já podem contar com um Ginásio que lhes garante o livre exercício de sua religião, o Espiritismo, livres como serão da intolerância clerical.

O Educandário Pestalozzi conta com o apôio moral e material de todos aqueles que, livres das peias de religiões caducas, fazem causa comum com a liberdade de pensamento e a justiça.

Ao Dr. Tomaz Novelino e à sua exma. esposa, Prof.a D. Aparecida Rebêlo Novelino, os nossos sinceros agradecimentos pelas atenções que nos dispensaram.

A unificação espírita em marcha

Nabor da Graça Leite

Sim, a unificação espírita está em marcha, graças ao trabalho incessante dos Espíritos do Senhor. Mas para tanto eles se valem, como é natural, dos instrumentos do plano físico ou seja os *mediuns*, que dia a dia surgem em maior numero e de faculdades mais potentes no seio da humanidade onde a dor, a lagrima e o desespero são cada vez mais intensos. E tal acontece porque o homem dificilmente se volta para as coisas superiores da vida, especialmente para as verdades eternas do Evangelho á luz do Espiritismo, a não ser tocado pelo sofrimento. A regra comum é vir pela porta da dor. Entretanto, há os que ingressam no Espiritismo e depois se tornam elementos de valor em suas fileiras, mesmo sem esse imperativo. Esses, porém, se contam em menor número.

O Dr. Urbano de Assis Xavier, êsse moço expansivo, cuja alegria logo contamina a todos, pertence ao número daqueles que foram chamados à Seara Espírita suavemente, apenas padecendo os «distúrbios» que precedem o chamado desenvolvimento da mediunidade.

Mediunidade! Pois que, então as pessoas cultas tambem são medium?—per-

guntará, talvez algum leitor menos versado na doutrina. E nós lhe responderemos: Sim. Essa faculdade que é intrínseca ao espírito encarnado, não escolhe condição social nem graus de cultura para manifestar-se, dai a convicção que alimentam os espíritas de que «mediuns» os há em todas as camadas sociais e a serviço do progresso moral, social e espiritual da humanidade, na religião, na ciencia, nas artes, na politica, em suma em todos os campos de atividades em que a criatura busca o bem e o belo.

— Mas que tem a ver isso com a unificação espírita? perguntará ainda o leitor. Nós lhe diremos. Sem duvida o meu amigo, se é espírita — e mesmo que não o seja — conhece ou já ouviu falar no Dr. Urbano de Assis Xavier, pois não? Se o conhece, sabe que ele, já como cultor da doutrina espírita e dos mais entusiastas e convictos, possuidor de sólidos e aprofundados conhecimentos, já como detentor de belissimas faculdades mediúnicas, se entregou de corpo e alma á difusão da consoladora doutrina codificada por Allan Kardec. E' assim que, ultimamente, ele vem desenvolvendo intensa propaganda espírita não sómente em S. Paulo como nos vizinhos Estados de Minas, Goiaz e Mato Grosso, em todas as cidades por onde passa, em serviço da firma de que é representante. E' um trabalho muito estafante e cansativo êsse do nosso amigo, porisso que tem de atender aos seus mistéres materiais e tambem ao trabalho de ordem espiritual. E' portanto um esfôrço redobrado, notando-se, porém, que, não obstante, as conferências proferidas pelo Dr. Urbano nada deixam a desejar, pelo contrário, se revestem de um brilhantismo extraordinário, porque o Urbano, mesmo quando lhe falecem as energias físicas — o que é raro acontecer — conta em todas as circunstâncias, com a poderosa energia que lhe emprestam os espíritos através de uma assistência maravilhosa que faz transcender, de muito, o homem culto que êle é, dando-lhe maior autoridade e poder convincente. Suas palavras caem, porisso, em cheio no coração dos ouvintes, cadentes de entusiasmo e fé, despertando indiferentes ou fortalecendo ainda mais a crença dos que se acham na doutrina.

Foi isso, exatamente, o que ainda acabamos de presenciar em Baurú, onde o Dr. Urbano de Assis Xavier, de passagem, nos deu a imensa satisfação de ouví-lo em duas substanciosas conferências proferidas a 21 e 22 de Abril corrente, respectivamente nos Centros S. Vicente de Paula e Amor e Caridade, subordinadas aos temas: «Fenômenos de Voz Direta» e «Como se desenvolveu em mim a mediunidade».

Não tratou sómente dos temas em apreço, nessas conferências, mas, ainda, teceu oportunos comentários a respeito das atividades assistenciais que se desenvolvem nos meios espíritas, bem assim e com especialidade a propósito dêsse outro campo de trabalho a que estamos sendo chamados, isto é, o *campo educacional*. Nêsse particular referiu-se êle à maravilhosa obra que, por exemplo, já se ergue em Franca, nêste Estado, onde já se acha em pleno funcionamento o «EDUCANDARIO PESTALOZZI», dirigido pelo nosso comum amigo e distinto confrade Dr. Tomaz Novelino. Realmente, essa obra, pelo que dela já temos conhecimento, e como ainda agora nos falou o Dr. Urbano, é um modelo para muitas outras que deverão surgir dentro em pouco aquí e em toda parte, porisso que, de facto, como repete constantemente Vinicius «a redenção é obra de educação». E ninguém melhor do que o espírita para entender isso, donde se vê que não pode descurar de que ela seja concretizada. E' o que, felizmente, estão todos os espíritas já compreendendo, assim é que, a União Social Espírita de São Paulo, pelo seu Departamento de Educação, promoveu o 1.º Congresso Educacional Espírita Paulista, criando o «Instituto Espírita de Educação» que promoverá, brevemente, a criação de escolas, ginásios, colégios, educandários, etc. em profusão, por todos os rincões paulistas. E o exemplo há de ser imitado por todos os demais Estados brasileiros.

—

Ora, aí está porque demos a esta crônica o título que lhe serve de epígrafe. E aqueles que, como o Dr. Urbano de Assis Xavier saem por aí além a propagar estas coisas, efetivamente estão a serviço da unificação do Espiritismo. Porisso, daquí lhe dirigimos o nosso pensamento de gratidão e incentivo a que prossiga, porque, como afirmára o Cristo, a Seára é grande, mas os trabalhadores são poucos. Porém, não nos encomode-

mos, porque os tempos chegarão e êste já é, em que muitos homens e criaturas movidos pela dôr ou de boa vontade, virão colaborar nesta seára, para o completo triunfo da Verdade na Terra.

Baurú, 25 de Abril de 1949.

«A Salvação é obra de Educação»

Preconiza o ensino do Espiritismo como preventivo contra as doenças mentais

—

Segundo os estudos do médico Inácio Ferreira, a doutrina dos espíritos rasga novos horizantes à medicina — O «Educandário Pestallozzi», de Franca, uma das grandes realizações no campo educacional em S. Paulo — Declarações do sr. Urbano de Assis Xavier, conferencísta espírita, ao «Jornal de Notícias»

O sr. Urbano de Assis Xavier, figura de relevo do Espiritismo dêste Estado, conferencista bastante apreciado e que se tornou também conhecido nos meios espíritas pelas raras faculdades mediúnicas de que é dotado, inclusive a chamada de bi-corporação que possúe, vem realizando, há alguns meses, uma série de viagens pelas cidades do interior do Estado de S. Paulo, Triangulo Mineiro e Goiás, tendo, até o momento, visitado cerca de 40 localidades, nas quais pronunciou diversas conferências doutrinárias e observou de perto o desenvolver do movimento espírita. Inquirido pela reportagem do JORNAL DE NOTÍCIAS sôbre êsse movimento, disse que notou em todas as localidades onde esteve grande interêsse dos meios espíritas por assuntos educacionais.

Obra Assistencial Espírita

— «Os espíritas até hoje — prosseguiu o sr. Urbano Xavier — têm-se dedicado mais ás obras assistenciais, construindo numerosos hospitais e asilos por toda parte. Nêsse setor de assistência social os espíritas têm-se destacado principalmente na construção de hospitais para doentes mentais, em virtude de a doutrina possuir elementos que revelam um campo novo no terreno da Psiquiatria, através do qual muitas curas consideradas impossíveis se realizam com relativa facilidade pelo método espírita. Em Marilia foi recentemente inaugurado um dos mais modernos hospitais para doenças mentais de todo o nosso interior, o Hospital Espírita de Marilia; em Franca, há anos funciona a «Casa de Saúde Allan Kardec»; em Itapira temos o Sanatório Americo Bairral, fundado pelo sr. Onofre Baptista; em Araçatuba, o Hospital fundado por D. Benedicta Fernandes, já falecida; em Ribeirão Preto, o Hospital Bezerra de Menezes; em Espírito Santo do Pinhal, em Penápolis e Barretos hospitais sob os cuidados do sr. Wilson Ferreira de Melo, e outros ainda, isto para só falarmos em S. Paulo e sem nos referirmos a estabelecimentos de outro genero como albergues, orfanatos, etc. Nos demais Estados o interêsse dos espíritas pelas obras assistenciais não é menor.

Sanatório Espírita de Uberaba

O sr. Urbano Xavier não quer deixar de se referir particularmente ao Sanatório Espírita de Uberaba, declarando:

— «Em Uberaba, por exemplo, no Triangulo Mineiro, por onde passei em Dezembro último, vindo de Goiás, visitei o confrade sr. Inácio Ferreira, diretor do Sanatório Espírita de Uberaba. Trata-se de um médico psiquiatra, que entrou a serviço daquêle hospital ainda como materialista, convertendo-se ao Espiritismo em virtude dos factos, que se incumbiram de lhe revelar as novas possibilidades abertas pela doutrina no campo da cura mental e psíquica. E de tal maneira o sr. Inácio Ferreira se dedicou ás pesquisas nêsse novo campo, que é hoje conhecido, por suas obras e sobretudo por sua coragem em sustentar a verdade nua dos factos contra todos os preconceitos, não só em todo o Brasil mas tambem no estrangeiro. Na Argentina, por exemplo, chamam-no de «médico valiente». Ainda na minha visita tive oportunidade de encontrá-lo ás voltas com numerosa correspondência, vinda de todas as partes do mundo, que o obrigou até mesmo a suspender a sua colaboração para a Revista Internacional do Espiritismo».

«Novos Rumos á Medicina»

— «Entre as muitas cartas chegadas, encontrava-se a de um médico de Miami,

Estados Unidos, curioso pelos assuntos relatados em artigo do sr. Inácio Ferreira naquela revista. Entre as obras notáveis dêste médico espírita, faço questão de citar, para os que se interessam pelo assunto, o livro já em segunda edição: «Novos Rumos à Medicina», que é poderoso repositório de factos espíritas e observações clínicas efetuadas no Sanatório de Uberaba».

Entusiasmo pela Causa Educacional

—«Pois bem, êste mesmo médico—prosseguiu o sr. Urbano Xavier—tão profundamente interessado pela sua especialidade, tão dedicado ao seu trabalho de recuperação humana, fui encontrar também ardendo de entusiasmo pela causa educacional. Disse-me êle que os espíritas laboram num êrro grave, ao dedicarem tamanha parcela do seu tempo e de suas energias à criação de hospitais de alienados, problema êste de competência do Poder Público, que não só não o trata como devia, mas ainda procura incessantemente obstruir, embaraçar e prejudicar o trabalho dos espíritas. Acha, assim, o sr. Inácio Ferreira, baseado na sua longa experiência, que os espíritas devem antes se dedicar à criação de escolas, de educandários, para a educação das futuras gerações em moldes espíritas, única maneira eficiente de se cortar o mal pela raiz, prevenindo, pela educação, pela orientação de um espiritualismo racional, os futuros desequilíbrios psíquicos. Em Uberaba, nêsse sentido, há um grande trabalho da União da Mocidade Espírita, orientado por aquêle médico, na construção do «Lar Espírita», instituição de amparo à criança abandonada, com um magestoso edifício já construído, a inaugurar-se dentro em breve».

O «Ginásio Pestallozzi»

—«Quasi o mesmo é o que se passa na cidade de Franca, em nosso Estado, onde outro médico espírita, diretor da Casa de Saúde Allan Kardec, chegando a conclusões idênticas, resolveu fundar uma instituição educional, erguendo alí o belo e confortável edifício do «Ginásio Pestallozzi», já em funcionamento e com inspeção federal. Inúmeros são os pedidos de matricula recebidos pelo educandário de todas as partes do Brasil, pelo que, animado, espera o seu fundador vê-lo dentro em breve ampliado. Aliás, o sr. Tomás Novelino é discípulo de Euripedes Barsanulfo o grande «médium» mineiro que foi um dos pioneiros da educação espírita no Brasil, fundando na cidade de Sacramento o «Colégio Allan Kardec», cujos resultados ainda se fazem sentir, na orientação seguida firmemente por todos os que lá tiveram a ventura de se educar».

Outros Estabelecimentos Idênticos

E, finalizando:

—«Em Campinas há também um Ginásio em construção, em Baurú e Marilia já se cogita do assunto, e vem agora, mais recente, o I Congresso Educacional Espírita Paulista, promovido pela U. S. E. nesta Capital resultando na fundação do Instituto Espírita de Educação do Estado de S. Paulo. Assim, como se vê, a tendência atual do movimento espírita em todo o país, é a da educação. Isso aliás, condiz muito bem com os princípios racionais da doutrina, de acordo com a frase que Vinicius, o grande pregador espírita, sempre repete em suas palestras: «A salvação é obra de educação». Os espíritas estão convencidos, realmente, de que a salvação, não só espiritual mas também material, do homem só se fará por meio da educação em seu mais amplo sentido».

Do «Jornal de Notícias», de 16/3/949

2.o Congresso Espírita Pan-Americano

Recebemos da Comissão Organizadora do referido Congresso, da qual fazem parte vários colaboradores desta Revista, a seguinte circular:

Rio de Janeiro, Janeiro de 1949.

Sr. José da Costa Filho

Matão, Estado de São Paulo

De nossa fraterna consideração

Em Outubro do corrente ano, possivelmente a 3, dia de Kardec, será instalada, no Rio de Janeiro, o 2.º C.E.P.A. —2.º Congresso Espírita Pan Americano —reunindo delegações de todos os países do Continente Americano onde o Espiritismo se encontra organizado.

Com a instalação desse Congresso

será transferida de Buenos Aires para o Rio de Janeiro a sede da Confederação Espírita Pan Americana — C.E.P.A. — Entidade criada pelo 1.º Congresso, que se realizou em Buenos Aires, em 1946, e que tem por alta finalidade irmanar em tôda a América os adeptos do Espiritismo e garantir a ação da Doutrina que Allan Kardec codificou, bem como difundi-la e organizá-la nos poucos países em que ainda não o esteja.

O maior êxito desse 2.º Congresso depende da compreensão de responsabilidade espiritista do Brasil. E como, ante a limpidez dos ensinamentos da Doutrina do Consolador, é sabido, pelos espiritistas, que não se renasce onde se quer nem sem justa razão de ser, a qual se prende a um passado de lutas já vividas no plano físico da Terra, dois sentimentos se fazem sobrelevar em pról daquele êxito maior: o alto interêsse pelo prestígio de nossa sublime Doutrina, e do nome do Brasil.

Por isto a Comissão Organisadora desse 2.º Congresso Espírita Pan Americano, nomeada pelo Conselho Executivo da C.E.P.A., e constituida de Aurino Barbosa Souto, como Presidente, Deolindo Amorim, como Secretário Geral, Dr. Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, como Tesoureiro e Cel. Delfino Ferreira Junior, Dr. Carlos Imbassahy, Deputado Campos Vergal, Prof. Leopoldo Machado, Dr. Francisco Klörs Werneck, Dr. Lauro Sales e João Batista Chagas, como membros componentes, não vem propriamente apelar para que o estimado confrade contribua para aquele êxito maior do Congresso, mas, sim, afirmar que conta com a sua necessária adesão, a qual se traduzirá em seu apôio moral e material.

Esta Revista, como membro da C.E.P.A. que é, coloca-se á disposição dos confrades e leitores de todo o Brasil para o encaminhamento de qualquer contribuição para maior brilhantismo daquele magno certamen pan-americano.

Mundo Espírita

Ingressou no seu 18.º ano de existência no dia 4 de Abril último, este nosso brilhante colega, que se publica na Capital Federal sob a competente direção do conhecido e apreciado jornalista Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes.

«Mundo Espírita» é, atualmente, o maior jornal espírira que se publica no mundo. Conta com a colaboração de escritores de evidência no cenário espírita e mantém um bem desenvolvido noticiário.

O Dr. Lins de Vasconcelos tem a seu lado os conhecidos jornalistas Deolindo Amorim e Amadeu Santos, respectivamente secretário e gerente de «Mundo Espírita».

Ao distinto colega, o nosso abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.

Atividades da União Social Espírita em 1948

O trabalho de unificação desenvolvido pela U. S. E. em 1948, muito embora não tenha sido realizado em todos os setores, como estava previsto no plano elaborado, foi sem dúvida alguma, fecundo e promissor. Devido a falta de elementos, (financeiros e humanos), e as dificuldades criadas pela incompreensão de muitos, a tarefa não ultrapassou as espectativas, entretanto, as maiores dificuldades foram vencidas, prenunciando uma avançada mais eficiente para os dias vindouros. No plano de um ano de trabalho, constou a arregimentação de 700 centros no Estado, realizando a arregimentação de 653 entidades. Estão formadas 32 Uniões Municipais, cujo funcionamento se enquadra no regulamento da U. S. E.

Dentre os membros Regionais, os poucos que se dispuseram ao trabalho, conseguiram realizar tarefas de grandes proporções, influenciando grandemente para a maior expansão do movimento em determinadas zonas.

O Departamento das Mocidades, percorreu quasi todo o Estado, entrando em contacto com os jovens espíritas, incentivando-os à formação de juventudes e outros trabalhos. Elaborou um Estatuto básico, discutiu problemas a serem resolvidos nas mocidades, harmonizou desavenças e colaborou para uma unidade mais precisa no setor doutrinário. No Departamento de propaganda foram tomadas todas as providências necessárias para maior divulgação dos objetivos de unificação da U. S. E., não só no estado bandeirante, mas em todo o país e até mesmo no estrangeiro. Foram publicados pe-

los jornais espíritas e Diários da Capital, mais de 600 comunicados, além de inúmeros folhetos e Anais do 1.º Congresso, em número de 1.010. Em representações oficiais e solenidades na Capital e no Interior, foram credenciados 100 oradores.

Pela Secretaria foram expedidas, entre cartas e circulares, 18.000 unidades; Boletim da U S. E 17.000. Além dessas expedições, a secretaria, em colaboração com o Departamento de Estatística, têm mantido o recenciamento espírita, com mapas demonstrativos e dados concretos sôbre o movimento.

Foram nomeados 4 delegados que percorrem o Interior, tendo os mesmos, juntamente com outros representantes da U. S. E., efetuado visitas nas seguintes cidades: Olimpia, Barretos, Jaboticabal, Mogi-Mirim, Mogi das Cruzes, Caçapava, São José dos Campos, Taubaté, Pindamonhangaba, Jacareí, Taquaritinga, Novo Horizonte, Catanduva, Avaré, Rio Preto, Osasco, Araraquara, Campinas, Jundiaí, Limeira, Rio Claro, São Roque, Botucatú, Baurú, Sorocaba, Guaratinguetá, Santa Cruz do Rio Pardo, Marilia, Franca, Pirajú, São Caetano, Piracicaba, Taubaté, Votuporanga, São Salvador (Bahia), Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Foram distribuidos opúsculos e livros doutrinários, em número superior a 5.000. No terreno da unificação nacional, a U. S. E. coordenou, por delegação dos Estados, o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, cujos resultados foram além do que era esperado. Finalmente, realizou o 1.º Congresso Educacional Espírita Paulista que veiu iniciar a nova jornada para o futuro do Espiritismo na Pátria do Evangelho. Sem dúvida alguma, foi a maior campanha que até então já se realizou no território nacional, em pról da unificação dos espíritas.

Ao iniciar a nova fase de lutas, a U. S. E. congratula-se com os seus nobres companheiros, os dedicados membros regionais, Uniões Municipais e os Centros em geral que lhe deram tão significativo apôio. Contando ainda com o espírito dinâmico daqueles que lhe ampararam, irá enfrentar uma nova e árdua tarefa para a conclusão final da primeira etapa que deverá ter a sua culminância no 2.º Congresso Estadual, de acôrdo com a vontade unânime da maioria dos espíritas paulistas.

Cumpre acrescentar que a situação financeira da U. S. E. tem sido mantida quasi que exclusivamente pelas contribuições dos Conselheiros, Diretoria Executiva, as Entidades patrocinadoras e raras contribuições dos Centros.

Aviso aos Espíritas

Há necessidade de todos os diretores de Centros e Organizações Espíritas ficarem alertas, para que não aconteça conosco o que se verificou há alguns anos, quando realizaram o Censo da população do Brasil.

Virá em breve um novo recenseamento. Na ocasião oportuna, ou seja, trinta dias antes, os diretores dos nossos Centros deverão iniciar a propaganda do Censo, alertando todos os espíritas para que declarem e façam questão de ver a ficha preenchida com a declaração de que são espíritas.

Se não fiscalizarmos os empregados do Censo, fatalmente farão como da vez anterior, na qual preencheram todas as fichas em branco com a declaração de católicos.

Trabalhemos todos para que seja demonstrado e evidenciado que no Brasil há um respeitável quociente de espíritas.

Unamo-nos nesse trabalho que indiretamente muito virá facilitar a propaganda e a difusão do Espiritismo.

Levemos essas instruções a todos os nossos confrades, pela imprensa, pelo rádio, pela tribuna, por todos os meios que se nos depararem.

(Transcrito do REFORMADOR do mês de novembro).

Visitas

Dr. Euripedes de Castro

Acompanhado de sua exma. esposa, deu-nos o prazer de sua visita no dia 12 de Abril último, o novo, mas já conhecido conferencista espírita, Dr. Euripedes de Castro que, como representante da *Use*, está em excursão de propaganda da Doutrina.

O Dr. Euripedes de Castro fez, nêsse mesmo dia, importante conferência na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», que ficou à cunha. O conferen-

cista revelou-se profundo conhecedor da Doutrina Espírita, explicando, com palavras accesíveis a todas as inteligências, a Verdade de acôrdo com os ensinos doutrinários e evangélicos, ocupando, por espaço de mais de uma hora, a tribuna.

Presidiu os trabalhos o nosso companheiro Dr. Urbano de Assis Xavier, que fez a apresentação do conferencista e usou da palavra ao encerrar a sessão, que deixou em todos os presentes gratas recordações.

Arlindo Colaço

Deu-nos o prazer de sua visita no dia 18 de Abril último, o nosso prezado amigo e colaborador Arlindo Colaço, ex-Prefeito de Alagôa Nova, Estado da Paraíba, presidente do Centro Espírita local e grande industrial.

Arlindo Colaço, um dos mais ativos e infatigáveis lutadores espiritas, muito conhecido e admirado pelos seus oportunos e substanciosos escritos, visitou, nesta sua longa excursão, seus numerosos amigos. Esteve na Capital Federal e na Capital Paulista, de onde seguiu para Dourado acompanhado de sua exma. esposa D. Nauta Colaço. Em Dourado passou alguns dias na residência de um seu irmão médico

O apreciado escritor espírita manteve conosco agradável e proveitosa palestra, regressando nesse mesmo dia para Dourado.

José Dias

Êste velho e estimado amigo, residente em Rio Claro, deu-nos o imenso prazer de sua visita no dia 24 de Abril último, mantendo conôsco fraternal palestra.

Aproveitando a oportunidade, José Dias, que é incansável na pregação da Doutrina, realizou uma oportuna palestra evangélica no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», regressando nêsse mesmo dia para Rio Claro.

Gratos pela visita.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

A propaganda em Mogí das Cruzes avança cada vez mais, tendo à frente trabalhadores incansáveis, que pregam a Doutrina com os factos.

— Em Mogí Mirim participei, no dia 31 de Março último, de uma sessão comemorativa de mais um aniversário do desincarne de Allan Kardec. Eu, os confrades José de Andrade, o presidente do Centro local e José Palomo Robles, de Jacutinga, usamos da palavra.

Bibliografia

Biosofia

As «Edições Melhoramentos» acabam de entregar ao público o livro «Biosofia», da lavra do Prof. Pedro Deodato de Moraes.

O autor impõe-se não só por sua elevada cultura como pela maneira como expõe as idéias. E' um livro moderno, de idéias modernas, altamente evoluidas.

«Biosofia» tem despertado invulgar interêsse nos meios espíritas do país. A um tempo é livro de elevação espiritual e divulgação científica. Em feliz entrosagem de dois temas, tão palpitantes e atuais quanto oportunamente tratados, produziu o autor um trabalho que por certo encontra numeroso público leitor entre a legião daqueles que anseiam por uma orientação segura em face dos múltiplos e complexos problemas que o ente e a condição humana defrontam na vida de nossos dias.

E' um livro que se lê muitas vezes com o mesmo prazer e interêsse.

Contém 238 páginas formato 13,2 x 17,4 ctm. Preço: Cr. 30,00 e mais cr. 1,00 para o porte. A' venda na Livraria «O Clarim».

— Gratos pela oferta de um exemplar.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	40,00
	Semestre —	,,	,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro